

VISÍVEL E INVISÍVEL:



A VITIMIZAÇÃO DE MULHERES NO BRASIL

3ª EDIÇÃO - 2021

Realização:

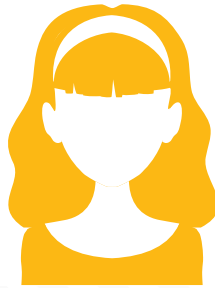


FÓRUM BRASILEIRO DE
SEGURANÇA PÚBLICA

Datafolha
INSTITUTO DE PESQUISAS

Patrocínio:

Uber



Ficha institucional e técnica

Conselho de Administração

Cristiane do Socorro Loureiro Lima – *Presidente*

Conselheiros

Elizabeth Leeds – *Presidente de Honra*

Arthur Trindade Maranhão Costa

Ascânio Rodrigues Correia Junior

Cássio Thyone A. de Rosa

Daniel Ricardo de Castro Cerqueira

Elisandro Lotin de Souza

Jésus Trindade Barreto Jr.

Isabel Figueiredo

Marlene Inês Spaniol

Paula Ferreira Poncioni

Thandara Santos

Conselho Fiscal

Camila Caldeira Nunes Dias

Edson Marcos Leal Soares Ramos

Patricia Nogueira Pröglhöf

Diretor Presidente

Renato Sérgio de Lima

Diretora Executiva

Samira Bueno

Coordenação Institucional

Juliana Martins

Coordenação de Projetos

David Marques

Equipe Técnica

Amanda Lagreca Cardoso

Amanda Pimentel

Beatriz Teixeira (estagiária)

Betina Barros

Dennis Pacheco

Isabela Sobral

Equipe Administrativa

Antônia de Araujo (estagiária)

Débora Lopes

Elaine Rosa

Sueli Bueno

Ficha Técnica do Projeto

Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 3ª edição - 2021

Samira Bueno, Juliana Martins,

Amanda Pimentel, Amanda Lagreca,

Betina Barros, Renato Sérgio de Lima

ISBN 978-65-89596-08-0

Sumário

Apresentação Uber	6
Violência doméstica e pandemia no Brasil: o que mudou um ano depois?	7
Principais achados	10
Metodologia.....	14
Resultados gerais	15
Vitimização de mulheres no último ano	21
Autor.....	26
Onde ocorreu a violência.....	27
Atitude tomada	28
O que influenciou para a ocorrência de violência segundo as entrevistadas	31
Assédio sexual.....	32
Anexo I – Amostra	35
Anexo II – Comparativo entre as pesquisas.....	37
Referências bibliográficas	41

Lista de Gráficos e Tabelas

Gráfico 1: Nos últimos 12 meses, desde que a pandemia de covid-19 começou no Brasil, você viu alguma dessas situações acontecendo no seu bairro ou comunidade? Brasil, 2021.....	16
Gráfico 2: Nos últimos 12 meses, desde que a pandemia de covid-19 começou no Brasil, você acha que a violência contra as mulheres em nossa sociedade aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma? Brasil, 2021.	16
Gráfico 3: Nos últimos 12 meses, desde que a pandemia de covid-19 começou no Brasil, algumas dessas mudanças foram sentidas em sua vida? Brasil, 2021.....	17
Gráfico 4: Nos últimos 12 meses, desde que a pandemia de covid-19 começou no Brasil, algumas dessas mudanças foram sentidas em sua vida? Por sexo. Brasil, 2021.....	18
Gráfico 5: Mudanças sentidas na vida durante a pandemia de covid-19, mulheres total, mulheres vítimas de violência e mulheres que não sofreram violência (bateria 1). Brasil, 2021	19
Gráfico 6: Mudanças sentidas na vida durante a pandemia de covid-19, mulheres total, mulheres vítimas de violência e mulheres que não sofreram violência (bateria 2). Brasil, 2021	20

Gráfico 7: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão como essas abaixo?.....	22
Gráfico 8: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão? Por faixa etária, Brasil, 2021.....	23
Gráfico 9: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão? Por raça/cor, Brasil, 2021.	24
Gráfico 10: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão? Por escolaridade, Brasil, 2021.....	24
Gráfico 11: Quem cometeu essa violência. Brasil, 2021.	26
Gráfico 12: Onde aconteceu essa violência. Brasil, 2021.....	27
Gráfico 13: Atitude em relação à agressão mais grave sofrida nos últimos 12 meses, por tipo, Brasil, 2021.....	28
Gráfico 14: Qual o principal motivo pelo qual não procurou a polícia após a última agressão sofrida. Brasil, 2021.....	30
Gráfico 15: Você acredita que a situação de pandemia influenciou para agravar de algum modo a violência que você sofreu?.....	31
Gráfico 16: Quais dos fatores abaixo você considera que mais influenciaram para a ocorrência de violência que você sofreu?.....	31
Gráfico 17: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses. Brasil, 2021.	32
Gráfico 18: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses, por faixa etária. Brasil, 2021.....	33
Gráfico 19: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses, por escolaridade. Brasil, 2021.....	34
Gráfico 20: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses, por raça/cor. Brasil, 2021.....	34
Tabela 1: Mulheres que sofreram algum tipo de violência ou agressão como essas abaixo nos últimos 12 meses. Valores reportados, margem de erro e projeção populacional.....	22
Tabela 2: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão? Por estado conjugal, Brasil, 2021.	25
Tabela 3: Atitude em relação à agressão mais grave sofrida nos últimos 12 meses, por tipo de violência.....	29
Tabela 4: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses. Brasil, 2021.....	33

Apresentação Uber

O apoio para a realização deste relatório faz parte das ações da Uber no enfrentamento à violência contra as mulheres. Desde 2018, a empresa vem apoiando o Fórum Brasileiro de Segurança Pública por meio dos Encontros Anuais e da publicação do Manual Princípios e Práticas de Formação de Policiais para o atendimento às mulheres em situação de violência. Por meio dessa parceria, buscamos colaborar com o trabalho necessário realizado pelo Fórum, que traz informação e materiais fundamentais para um debate qualificado sobre os desafios de segurança pública no Brasil.

Esse é um debate do qual a Uber quer fazer parte. O aplicativo conecta, no mundo digital, pessoas que vão se encontrar no mundo físico para se deslocar e para gerar renda. A nossa operação está inserida na sociedade e consequentemente é impactada pelos desafios que ela enfrenta. A Uber acredita que as mulheres têm o direito de ir e vir com segurança e busca, por meio da tecnologia, desenvolver soluções que contribuam com isso. Mas sabemos que quando se trata de um problema social sistêmico e complexo como a violência contra a mulher, é preciso mais, por isso buscamos especialistas e autoridades no assunto que, assim como o Fórum, promovem iniciativas de combate à violência de gênero.

Em uma dessas iniciativas buscamos auxiliar as mulheres que, diante da COVID-19, se viram isoladas com seus agressores. Unimos forças ao Instituto Avon no desenvolvimento da Ângela, uma assistente virtual que ajuda mulheres em situação de violência doméstica, bem como orienta quem quer ajudar alguém que esteja passando por isso. Depois de responder algumas perguntas para identificar o grau de risco da vítima, a Ângela fornece o suporte apropriado. Caso seja necessário buscar um hospital, unidade de saúde, delegacia ou um centro de atendimento que preste

serviço de assistência social e psicológica e orientação jurídica às mulheres em situação de violência, a mulher receberá um código promocional para solicitar uma viagem de forma gratuita no aplicativo da Uber e se deslocar com independência.

Os dados trazidos pela terceira edição da pesquisa de vitimização do Fórum, além de relatórios de anos anteriores divulgados pela organização, reforçam a relevância de se debater a violência contra a mulher em diferentes contextos, bem como entender os fatores que a intensificam e que podem ajudar a reduzi-la. Autonomia financeira surge como um dos elementos que auxiliam a vítima a quebrar o ciclo da violência. De acordo com a pesquisa realizada pelo Instituto Patrícia Galvão, apoiada pela Uber, para 79% das mulheres, ter a própria renda dá mais condições para denunciar uma situação de violência doméstica. Além disso, 80% das mulheres acreditam que muitas não conseguem sair de situações de violência doméstica porque não têm como se sustentar ou sustentar seus filhos. Como uma empresa de tecnologia que busca criar oportunidades ao colocar o mundo em movimento, a Uber se orgulha em oferecer uma opção de geração de renda flexível - fator mais valorizado para 84% das mulheres na hora de buscar um trabalho, segundo a mesma pesquisa.

Vamos seguir trabalhando para fazer parte da solução e criar um ambiente inclusivo, com segurança e respeito para as mulheres, sempre tendo a tecnologia como aliada e o diálogo com especialistas da sociedade civil como base.

Natália Falcón

Gerente de Comunicação para Assuntos de Segurança e de Parcerias para Enfrentamento à Violência contra a Mulher

Violência doméstica e pandemia no Brasil: o que mudou um ano depois?

Depois de mais de um ano e 3,5 milhões de mortes por Covid-19 no mundo, já não é novidade que a pandemia do novo Coronavírus provocou inúmeras outras crises além da sanitária, a começar pelo crescimento da violência contra a mulher. Desde os primeiros meses de isolamento social, importantes organizações internacionais, como a ONU Mulheres, relatavam, com base no aumento em pedidos de ajuda em linhas telefônicas de canais de atendimento¹, que havia um incremento de casos de violência doméstica em todo o mundo e que as mulheres eram suas principais vítimas. Tal realidade era potencializada pelo fato de que, ao mesmo tempo em que os casos aumentavam, os números de registros de boletins de ocorrências por violência doméstica apresentavam queda. Os serviços de atendimento e acolhimento de mulheres vítimas de violências precisaram se adaptar rapidamente a esta realidade e aperfeiçoar seus canais de escuta e registro.

Esse fenômeno não é exclusivamente brasileiro e, a nível internacional, a explicação apontada para a queda dos registros girou em torno das medidas de isolamento social impostas pela quarentena, que exigia da vítima uma permanência maior dentro de casa junto a seu agressor, em geral seu companheiro, o que a impedia de dirigir-se às autorida-

des competentes para denunciar o ocorrido. Além disso, a literatura que foi se formando sobre o tema apresentava como principais causas para o aumento dos casos de violência doméstica as restrições às redes institucionais e familiares de apoio à mulher, a diminuição da renda familiar, a ampliação da manipulação do agressor sobre a vítima em razão do maior tempo de convivência, aumento dos níveis de estresse e aumento do consumo de álcool experimentados no período (Vieira et al, 2020; Marques et al, 2020, Fiocruz, 2020)².

Em função desse cenário, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP se dedicou a monitorar e avaliar os casos de violência doméstica ocorridos no país, procurando compreender como a pandemia havia afetado a vida das mulheres brasileiras em situação de violência. Ao longo dos meses de abril, maio e junho de 2020, em uma parceria com o Banco Mundial, o FBSP lançou três notas técnicas, que buscaram compilar estatísticas oficiais das Unidades da Federação sobre o assunto. Essas notas identificaram, resumidamente, que durante o período monitorado houve queda nos registros policiais de lesão corporal dolosa, ameaça, estupro e estupro de vulnerável contra mulheres. Em sentido contrário, a violên-

1 Segundo a ONU Mulheres (2020), países como Canadá, Alemanha, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos e França relataram aumento de casos de violência durante os primeiros meses da crise do coronavírus. Outros países como Singapura, Chipre, Argentina e Austrália também apresentaram aumento de solicitações de ajuda em linhas telefônicas, com 33%, 30%, 25% e 40% a mais de ligações nesse período, respectivamente.

2 Apesar de serem elencados como importantes fatores de risco que expõem as mulheres a situações degradantes, é preciso ressaltar que esse tipo de comportamento não é natural, mas socialmente construído. Segundo importantes estudos voltados a entender a construção das masculinidades, qualquer tipo de violência cometida contra a mulher não pode ser visto como fruto de um descontrole ou de uma explosão emocional, mas antes como um dispositivo que fortalece a ideia de um gênero dominante (Connell, 1995).

cia letal – feminicídio e homicídio de mulheres - apresentou crescimento no período, em um sinal de agravamento dos conflitos³. Confirmando o que já vinha sendo indicado nas notas técnicas publicadas anteriormente e o que já vinha sendo constatado em outros países⁴, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020, divulgado em outubro do ano passado, comparou os dados do 1º semestre de 2020 com os do mesmo período de 2019, e constatou que houve redução na maior parte dos registros de crimes contra a mulher, com exceção da violência letal, que havia crescido. O Anuário também observou o aumento de ligações para o 190, número de emergência das Polícia Militares, registradas como violência doméstica. A aparente redução da violência contra a mulher representada pela queda nos registros policiais tradicionais era confrontada, portanto, com o aumento da violência letal e das chamadas em canais oficiais de ajuda. Isso fez com que se indicasse que, embora a violência letal estivesse crescendo no período, as mulheres estavam encontrando mais dificuldades para realizar denúncias do que em períodos anteriores, provavelmente por dois motivos: em função do maior convívio junto ao agressor e da consequente ampliação da manipulação física e psicológica sobre a vítima; e das dificuldades de deslocamento e acesso a instituições e redes de proteção, que



no período passavam por instabilidades, como diminuição do número de servidores, horários de atendimento reduzidos e aumento das demandas, bem como pelas restrições de mobilidade.

Porém, mais de 1 ano depois do início da pandemia no Brasil, não se pode perder de vista que o Brasil tem convivido com um quadro perverso que combina diversas formas de violência, índices muito baixos de isolamento social, mesmo com o recrudescimento da pandemia em todo o país⁵, e altos níveis de desemprego e perda e/ou diminuição de renda – trazendo milhões de brasileiros e brasileiras de volta à linha da extrema pobreza⁶. Além disso, a permanência maior de crianças dentro de casa, em função do fechamento das escolas, também contribuiu para o aumento da carga doméstica de trabalho, uma tarefa socialmente imposta à mulher. Diante desse novo contexto social, novos dados e olhares precisam ser mobilizados para que ações de prevenção da violência contra a mulher sejam mais efetivas.

A experiência de epidemias recentes, como as dos vírus da Zika (2015) e Ebola (2013), indicam que crises sanitárias exacerbam desigualdades já existentes, incluindo aquelas baseadas em status socioeconômico, idade, raça e gênero das pessoas (UN WOMEN, 2020; UNFPA, 2020). A terceira edição da pesquisa “Visível e Invisível” faz avançar essa discussão ao lançar luz sobre os impactos da atual pandemia de Covid-19 e sobre

3 Na última edição da nota técnica, foi identificado que entre março e maio de 2020, houve diminuição de 27,2% dos registros de lesões corporais dolosas, diminuição 31,6% nos registros de estupro e aumento de 2,2% de casos de feminicídios.

4 No Anuário, identificou-se que no primeiro semestre de 2020, houve redução de 10,9% nos registros de lesão corporal dolosa, 16,8% nos de ameaças, 23,5% nos estupros de mulheres e 22,7% nos estupros de vulneráveis. No mesmo período, em comparação com o primeiro semestre de 2019, observamos ainda um aumento de 0,8% nos homicídios dolosos de mulheres e 1,2% nos casos registrados como feminicídios.

5 Segundo dados do “Mapa Brasileiro da Covid”, em março de 2021, o índice médio de isolamento social encontrava-se em 33,8%, quase metade do mesmo período do ano passado.

6 Notícias mais recentes apontam que cerca de 14 milhões de famílias brasileiras estão na linha da extrema pobreza, isto é, famílias que vivem com 89 reais mensais por pessoa. Informação disponível em: <https://istoe.com.br/mais-de-14-milhoes-de-familias-brasileiras-estao-na-linha-da-extrema-pobreza/>

como a crise vem afetando homens e mulheres de maneiras diferentes, fornecendo novos insights sobre as conhecidas desigualdades de gênero verificadas no país.

Chamam a atenção dois fatores que não se modificaram nas três edições da pesquisa (2017, 2019 e 2021): as mulheres sofreram mais violência dentro da própria casa e os autores de violência são pessoas conhecidas da vítima, o que concede um alto grau de complexidade ao enfrentamento da violência de gênero no que se refere à proteção da vítima, punição do agressor e medidas de prevenção. Os dados aqui apresentados nos revelam que a crise sanitária só torna o seu enfrentamento ainda mais difícil: mulheres convivendo mais tempo com seus agressores, perda de renda familiar, aumento das tensões em casa, maior isolamento da mulher e consequente distanciamento de uma potencial rede de proteção (ONU MULHERES, 2020; RAUHAUS et al, 2020).

Com esse espírito que o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Datafolha renovaram uma parceria bastante profícua nos últimos anos e, juntos com a Uber, que financiou a iniciativa, optaram por produzir uma nova rodada da pesquisa “Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil” que teve por objetivo central medir a taxa de vitimização de mulheres para um conjunto de situações de violência, bem como a percepção da população sobre o tema. A primeira rodada da pesquisa foi realizada em 2017, a segunda em 2019 e, na ideia de termos dados comparados e de atualizá-la com questões específicas para o momento de pandemia, um novo campo foi realizado este ano.

Produzir evidências e informações que sirvam à formulação e implementação de ações públicas e privadas de enfrentamento da violência contra a mulher é um dos objetivos estratégicos do Fórum

Brasileiro de Segurança Pública. Ao menos nos últimos cinco anos foram várias as iniciativas levadas a cabo pela entidade. As notas técnicas citadas, por exemplo, têm sido usadas por diversos órgãos e instâncias do Sistema de Justiça Criminal brasileiro para alertar operadores e operadoras do Direito sobre o quadro de agravamento da violência e para a importância de que novos mecanismos e canais sejam pensados. A forma tradicional de atuar encontra limites, mas eles não podem ser obstáculos à oferta de serviços e ao atendimento às mulheres vítimas de violência. Da mesma forma, o FBSP tem investido, em parceria com o Instituto Avon, a Caixa Seguradora, o Consulado do Canadá e outros parceiros no reconhecimento de práticas que impactem na redução da violência e, ao mesmo tempo, funcionem como estímulo e aprendizado organizacional. O FBSP tem atuado na geração de produtos de conhecimento que efetivamente contribuam para o endereçamento de soluções.

... as mulheres sofreram mais violência dentro da própria casa e os autores de violência são pessoas conhecidas da vítima ...

Principais achados

● A violência contra as mulheres durante a pandemia

- 1 em cada 4 mulheres brasileiras (24,4%) acima de 16 anos afirma ter sofrido algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses, durante a pandemia de covid-19. Isso significa dizer que cerca de 17 milhões de mulheres sofreram violência física, psicológica ou sexual no último ano.
- Na comparação com a pesquisa de 2019, verificamos um leve recuo do percentual de mulheres que relataram ter sofrido violência, mas dentro da margem de erro da pesquisa, que é de 3 pontos para mais ou para menos (27,4% em 2019 e 24,4% em 2021), configurando estabilidade.
- 5 em cada 10 brasileiros (51,1%) relataram ter visto uma mulher sofrer algum tipo de violência no seu bairro ou comunidade ao longo dos últimos 12 meses.
- 73,5% da população brasileira acredita que a violência contra as mulheres cresceu durante a pandemia de covid-19.

● Principais mudanças na rotina da população (homens e mulheres) em função da pandemia de covid-19

- 52,6% afirmam que permaneceram mais tempo em casa.
- 48,0% afirmam que a renda da família diminuiu.

- Para 44,4%, o período da pandemia de covid-19 significou também momentos de mais estresse no lar.
- 40,2% informaram que os filhos tiveram aulas presenciais interrompidas.
- 33,0% perderam o emprego.
- 30,0% tiveram medo de não conseguir pagar as contas.

● Mudanças na rotina foram sentidas de forma desigual por homens e mulheres

- Mulheres reportaram níveis mais altos de estresse em casa em função da pandemia (50,9% em comparação com 37,2% dos homens) e permaneceram mais tempo em casa, fato provavelmente vinculado aos papéis de gênero tradicionalmente desempenhados, dado que historicamente cabe às mulheres o cuidado com o lar e os filhos, o que aumenta a sobrecarga feminina com o trabalho doméstico e com a família.
- 25,9% dos entrevistados afirmaram que passaram a desempenhar trabalho remoto em função da pandemia, sem diferenças nos percentuais para homens e mulheres. Este dado ilumina a discussão sobre a influência da pandemia e do isolamento social como motor da violência de gênero, já que os índices de isolamento social permaneceram baixos e o trabalho remoto restrito a camadas mais abastadas da população. No caso das mulheres, especificamente, o trabalho remoto está concentrado naquelas com nível superior (41%), das classes A e B (45% e 37%).

- 14,4% da população afirma ter passado a consumir mais bebidas alcoólicas no último ano, valor ligeiramente superior à média foi observado entre os homens (17,6%). O dado preocupa já que o consumo abusivo de bebidas alcoólicas é fator de risco em situações de violência doméstica.

A terceira edição da pesquisa “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil” incluiu também questões relativas à pandemia de covid-19

- **Precarização das condições de vida no último ano é maior entre as mulheres que sofreram violência**

- 61,8% das mulheres que sofreram violência no último ano afirmaram que a renda familiar diminuiu neste período. Entre as que não sofreram violência este percentual foi de 50%.
- 46,7% das mulheres que sofreram violência também perderam o emprego. A média entre as que não sofreram violência foi de 29,5%.

- Não se verifica diferenças entre as respostas de mulheres vítimas de violência e as demais sobre o tempo de permanência em casa, mas as que sofreram violência relatam níveis ainda maiores de stress (68,2%) do que entre as que não sofreram violência (51,0%).

- Mulheres que sofreram violência passaram a consumir mais bebida alcoólica (16,6%) do que as que não sofreram (10,4%).

- **Violências sofridas pelas brasileiras de 16 anos ou mais durante a pandemia de covid-19**

- 4,3 milhões de mulheres (6,3%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes. Isso significa dizer que a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus.
- O tipo de violência mais frequentemente relatado foi a ofensa verbal, como insultos e xingamentos. Cerca de 13 milhões de brasileiras (18,6%) experimentaram este tipo de violência.
- 5,9 milhões de mulheres (8,5%) relataram ter sofrido ameaças de violência física como tapas, empurrões ou chutes.
- Cerca de 3,7 milhões de brasileiras (5,4%) sofreram ofensas sexuais ou tentativas forçadas de manter relações sexuais.
- 2,1 milhões de mulheres (3,1%) sofreram ameaças com faca (arma branca) ou arma de fogo.
- 1,6 milhão de mulheres foram espancadas ou sofreram tentativa de estrangulamento (2,4%).

● A vítima

- Em relação ao perfil, verifica-se que quanto mais jovem, maior a prevalência de violência, sendo que 35,2% das mulheres de 16 a 24 anos relataram ter vivenciado algum tipo de violência, 28,6% das mulheres de 35 a 34 anos, 24,4% das mulheres de 35 a 44 anos, 19,8% das mulheres de 45 a 59 anos e 14,1% das mulheres com 60 anos ou mais.
- Em relação ao perfil racial, mulheres pretas experimentaram níveis mais elevados de violência (28,3%) do que as pardas (24,6%) e as brancas (23,5%).
- Mulheres separadas e divorciadas apresentaram níveis mais elevados de vitimização (35%) do que em comparação com casadas (16,8%), viúvas (17,1%) e solteiras (30,7%), o que se acentua com o aumento da gravidade/intensidade da violência física. A tentativa de rompimento com o agressor e histórias repetidas de violências são fatores de vulnerabilidade que podem aumentar as chances de mulheres serem mortas por seus parceiros íntimos, o que revela que a separação é, ao mesmo tempo, a tentativa de interrupção da violência, mas também o momento em que ela fica mais vulnerável.

● Companheiros, ex-companheiros e familiares são os principais autores de violência

- 72,8% dos autores das violências sofridas são conhecidos das mulheres, com destaque para os cônjuges/companheiros/namorados (25,4%), ex-cônjuges/ex-

companheiros/ex-namorados (18,1%); pais/mães (11,2%), padrastos e madrastas (4,9%), e filhos e filhas (4,4%), indicando alta prevalência de violência doméstica e intrafamiliar.

● O lar é o espaço mais inseguro para a mulher

- A residência segue como o espaço de maior risco para as mulheres e 48,8% das vítimas relataram que a violência mais grave vivenciada no último ano ocorreu dentro de casa, percentual que vem crescendo. A rua aparece em 19,9% dos relatos, e o trabalho aparece como o terceiro local com mais incidência de violência com 9,4%.

● O que fizeram depois da violência sofrida:

- 44,9% das mulheres não fizeram nada em relação à agressão mais grave sofrida.
- 21,6% das mulheres procuraram ajuda da família, com considerável aumento em relação aos anos anteriores, 12,8% procuraram ajuda dos amigos, e 8,2% procuraram a Igreja.
- 11,8% denunciaram em uma delegacia da mulher, 7,5% denunciaram em uma delegacia comum, 7,1% das mulheres procuraram a Polícia Militar (190), 2,1% ligaram para a Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180).
- Entre as mulheres que não procuraram a polícia, 32,8% delas afirmaram que resolveram a situação sozinhas, 15,3% não quiseram envolver a polícia e 16,8% não consideraram importante fazer a denúncia.

- **O que pensam as mulheres vítimas sobre a sua própria experiência com a violência**

- 25,1% das mulheres que sofreram violência durante a pandemia destacaram que a perda de emprego e renda e impossibilidade de trabalhar para garantir o próprio sustento são os fatores que mais pesaram para a ocorrência de violência que vivenciaram;
- 21,8% afirmam que a maior convivência com o agressor em função da pandemia de covid-19 também contribuiu.

- **Pandemia e restrição de circulação não reduziram casos de assédio sexual**

- 37,9% das brasileiras foram vítimas de algum tipo de assédio sexual nos últimos 12 meses, o que equivale a 26,5 milhões de mulheres.
- Assédio mais frequente são as cantadas ou comentários desrespeitosos quando estavam andando na rua, o que atingiu 31,9% das mulheres (22,3 milhões).
- Ambiente de trabalho e transporte público são ambientes mais hostis e propícios ao assédio às mulheres do que festas e baladas.

8,9 milhões (12,8%) receberam cantadas ou comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho e 5,5 milhões de mulheres (7,9%) foram assediadas em transportes público, como ônibus, metrô ou trem.

- 3,9 milhões de brasileiras (5,6%) sofreram assédio físico durante uma balada/festa, com abordagem agressiva e contra a sua vontade.
- 3,7 milhões de mulheres (5,4%) foram agarradas ou beijadas sem consentimento
- Quanto ao perfil etário, 73,0% das mulheres entre 16 e 24 anos foram vítimas de algum tipo de assédio no último ano, seguido por 46,8% das mulheres na faixa etária de 25 a 34 anos; 36,5% das mulheres entre 35 e 44 anos, 22,3% das mulheres na faixa de 45 a 59 anos e 13,3% das mulheres acima dos 60 anos.
- Quanto ao perfil racial, 52,2% das mulheres pretas no Brasil sofreram assédio nos últimos 12 meses, 40,6% das mulheres pardas e 30% das mulheres brancas. A desigualdade racial, aqui, fica evidente: enquanto mais da metade das mulheres pretas brasileiras foram assediadas no último ano, o número cai para quase 1/3 das mulheres brancas.

Metodologia

Trata-se de pesquisa quantitativa elaborada pelo FBSP e pelo Instituto Datafolha, com abordagem pessoal dos entrevistados em pontos de fluxo populacionais. As entrevistas foram realizadas mediante a aplicação de questionário estruturado, elaborado pelo FBSP, com cerca de 20 minutos de duração.

A pesquisa teve um módulo específico de autopreenchimento, com questões sobre vitimização aplicadas somente às mulheres. As entrevistadas que aceitaram participar deste módulo responderam sozinhas as questões diretamente no tablet, após orientação do(a) pesquisador(a).

O universo da pesquisa é a população adulta brasileira de todas as classes sociais com 16 anos ou mais.

A abrangência é nacional, incluindo Regiões Metropolitanas e Cidades do Interior de diferentes portes, em todas as Regiões do Brasil. As entrevistas foram realizadas em 130 municípios de pequeno, médio e grande porte, no período de 10 a 14 de maio de 2021. A amostra total nacional foi de 2.079 entrevistas. A amostra total de mulheres foi de 1.089 entrevistas, sendo que destas 879 aceitaram responder o módulo de autopreenchimento. Ambas as amostras permitem a leitura dos resultados no total do Brasil, pelas regiões: Sudeste, Sul, Nordeste e Norte/ Centro-Oeste. A margem de erro para o total da amostra nacional é de 2,0 pontos para mais ou para menos. A margem de erro para o total da amostra de mulheres participantes do autopreenchimento é de 3,0 pontos para mais ou para menos. O perfil da população geral amostrada segue anexo.



Resultados gerais

A pesquisa procurou aferir a prevalência de eventos de violência e assédio contra as mulheres no Brasil, considerando a percepção da população geral (homens e mulheres) e a vitimização direta de mulheres. A terceira edição da pesquisa “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil” incluiu também questões relativas à pandemia de covid-19 de modo a compreender as mudanças sentidas pela população brasileira em decorrência da emergência sanitária, bem como a relação entre os efeitos ocasionados pela pandemia e as situações vivenciadas por mulheres que relataram ter sofrido algum tipo de violência no último ano. Nas perguntas direcionadas à amostra total (homens e mulheres), quando questionados sobre ter visto algum tipo de situação em que mulheres foram expostas à violência no seu bairro ou comunidade ao longo dos últimos 12 meses, 51,1% da população brasileira respondeu positivamente, período em que o Brasil já vinha sendo fortemente atingido pela pandemia de covid-19. Este percentual é menor do que os valores encontrados nas pesquisas anteriores, quando 66% (pesquisa de 2017) e 59% (pesquisa de 2019) da população afirmaram ter testemunhado alguma situação do gênero.

A situação mais frequente relatada pelos respondentes foi ter visto homens abordando mulheres de forma desrespeitosa na rua (34,3%), seguida de homens humilhando, xingando ou ameaçando namoradas/companheiros ou ex-namoradas/

ex-companheiras (32,9%). Cerca de 29% dos respondentes viram homens brigando e se agredindo por causa de ciúmes da parceira íntima, 24,8% relataram ter visto uma mulher sendo agredida pelo parceiro ou ex-parceiro íntimo e 17,5% viram mulheres que residem em seu bairro ou vizinhança sendo agredidas pelos pais, padrastos ou parentes.

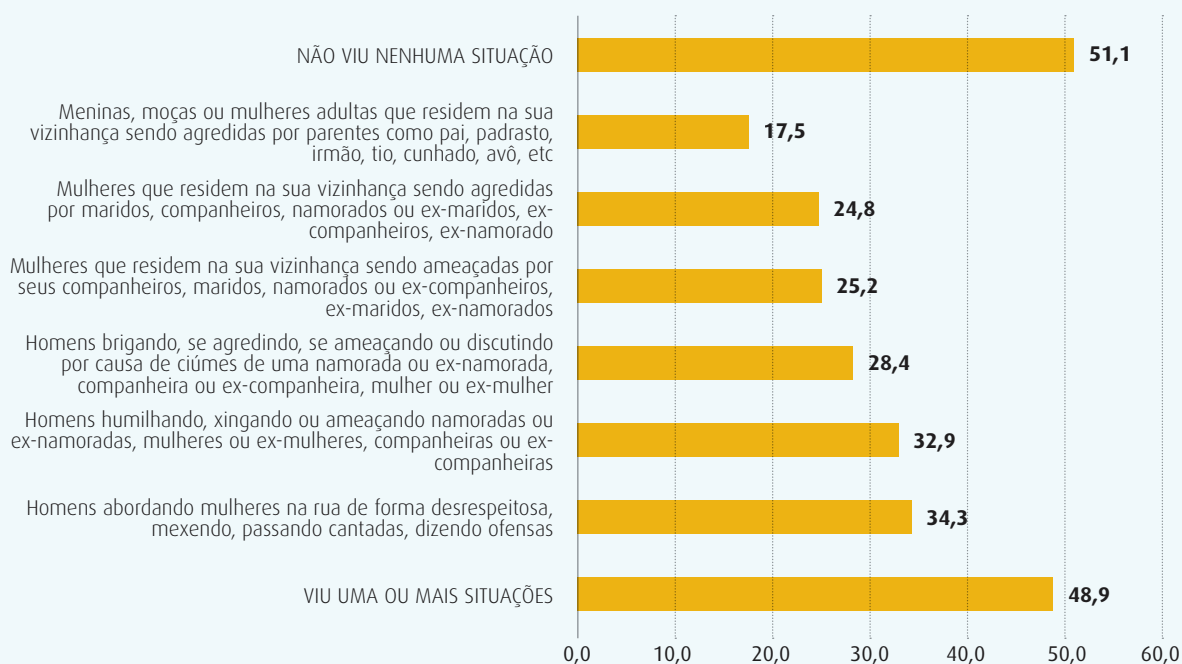
Apesar do percentual de respondentes que relataram ter visto situação de violência ter caído em relação à pesquisa anterior, a percepção da população em geral é de que houve crescimento nos níveis de violência contra as mulheres. Para 73,5% dos respondentes a violência teria aumentado durante a pandemia de covid-19 e para 21,9% teria permanecido igual. Apenas 2,4% acreditam que a violência baseada em gênero teria diminuído, e 2,1% afirmaram não saber responder.

De modo a compreender o impacto da pandemia na vida dos brasileiros e brasileiras, a terceira questão para o total da amostra questionou os respondentes sobre mudanças em suas rotinas.

Um dado importante para a análise aqui realizada diz respeito ao trabalho remoto. Quando questionados, 25,9% dos entrevistados afirmaram que passaram a desempenhar trabalho remoto em função da pandemia e 14,4% informaram ter aumentado o consumo de bebida alcoólica. Outros 12,5% relataram ter presenciado mais brigas de vizinhos.

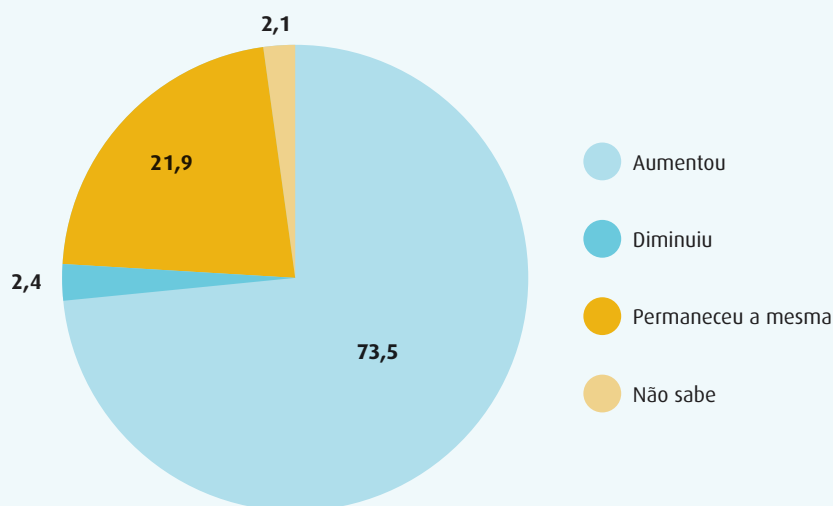


Gráfico 1: Nos últimos 12 meses, desde que a pandemia de covid-19 começou no Brasil, você viu alguma dessas situações acontecendo no seu bairro ou comunidade? Brasil, 2021.



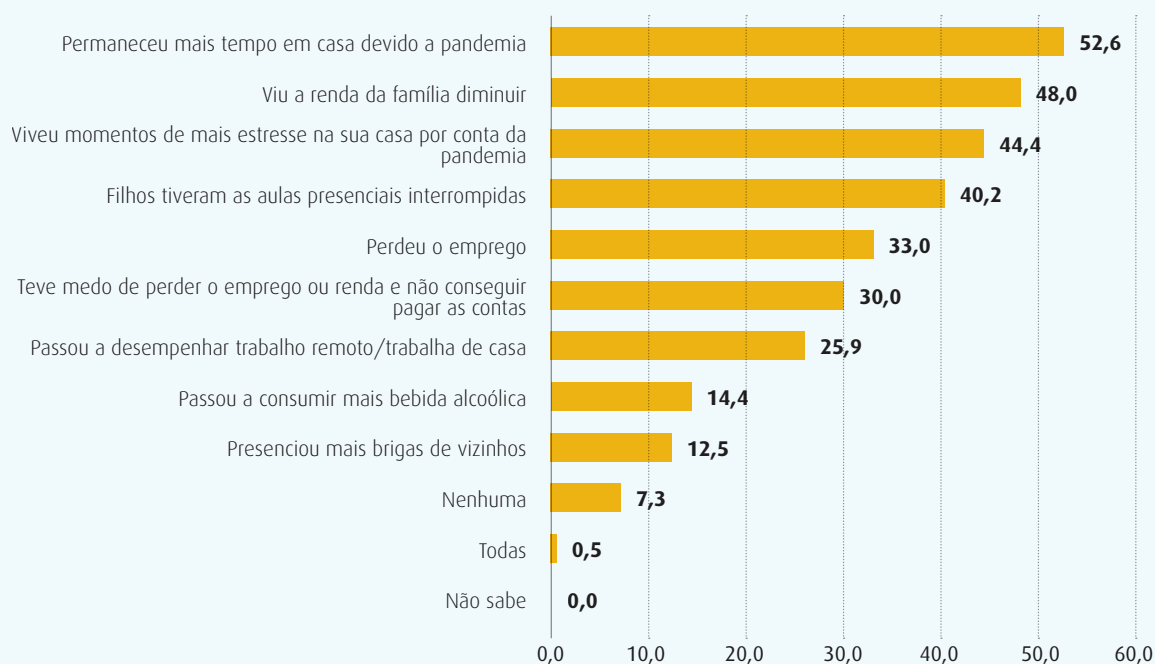
Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Amostra total, resposta estimulada e múltipla, em %.

Gráfico 2: Nos últimos 12 meses, desde que a pandemia de covid-19 começou no Brasil, você acha que a violência contra as mulheres em nossa sociedade aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma? Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Amostra total, resposta estimulada e única, em %.

Gráfico 3: Nos últimos 12 meses, desde que a pandemia de covid-19 começou no Brasil, algumas dessas mudanças foram sentidas em sua vida? Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Amostra total, resposta estimulada e múltipla, em %.

Chama a atenção o elevado percentual de respondentes que relataram ter perdido emprego no último ano, 1/3 da população brasileira. Não à toa, dados recentes do IBGE mostram que o país tem hoje taxa recorde de desemprego, com 14,8 milhões de pessoas nesta situação, além de outros 6 milhões de desalentados^{7 8}. E vale aqui enfatizar a questão racial: na questão específica sobre a perda de emprego, as pessoas pretas (37%) foram aquelas que mais perderam o emprego, seguida das pardas (34%) e brancas (29%). Na diferença de escolaridade, daqueles que perderam o emprego, 35% dos respondentes tinham apenas ensino médio, 34%

7 Dados do IBGE relativos ao 1º trimestre de 2021 indicam que o Brasil bateu o recorde de desemprego, com 14,8 milhões de pessoas nesta situação, além de somar ainda 6 milhões de desalentados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

8 Desalentados são aqueles que gostariam de trabalhar e estão disponíveis, mas deixaram de procurar trabalho por acharem que não encontrariam.

apenas ensino fundamental e 25% tinham ensino superior. Isso significa dizer que aqueles que mais perderam empregos no Brasil foram pretos com ensino fundamental ou médio.

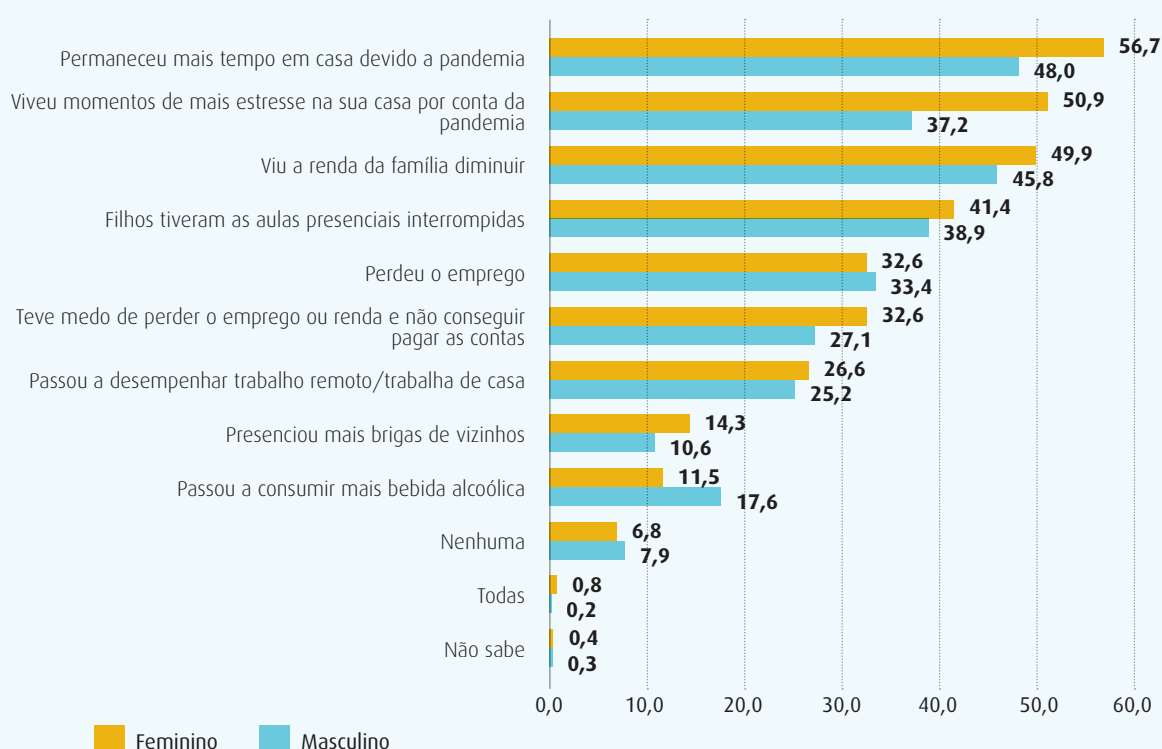
A mesma bateria diferenciando as respostas de homens e mulheres traz elementos importantes para compreensão do cotidiano da sociedade brasileira. Mulheres reportaram níveis mais altos de estresse em casa em função da pandemia (50,9%) do que homens (37,2%), resultado provavelmente vinculado aos papéis de gênero tradicionalmente desempenhados em nossa sociedade. Historicamente cabe às mulheres o cuidado com o lar e os filhos, enquanto se espera que homens sejam provedores, fortes, sem demonstrar fragilidades. A redução da renda familiar/perda de emprego e a interrupção de au-

las significou mudança profunda na rotina das famílias (em especial aquelas com filhos pequenos), afetando desigualmente homens e mulheres e aumentando a sobrecarga feminina com o trabalho doméstico e com a família. Mulheres permaneceram mais tempo em casa (56,7%) do que os homens (48%) e reportaram níveis mais elevados de medo de perder emprego e renda (32,6%) do que os valores encontrados entre homens (27,1%), assim como de diminuição da renda familiar. Sobre o trabalho remoto, os valores encontrados entre homens e mulheres foram muito próximos, indicando que apenas 1 em cada 4 brasileiros e brasileiras pôde desenvolver trabalho remoto durante a pandemia. Esta informação permite compreendermos melhor a

influência da pandemia e do isolamento social como motor da violência de gênero, já que os índices de isolamento social permaneceram baixos e o trabalho remoto restrito a camadas mais abastadas da população. No caso das mulheres, especificamente, o trabalho remoto está concentrado naquelas com nível superior (41%), das classes A e B (45% e 37%).

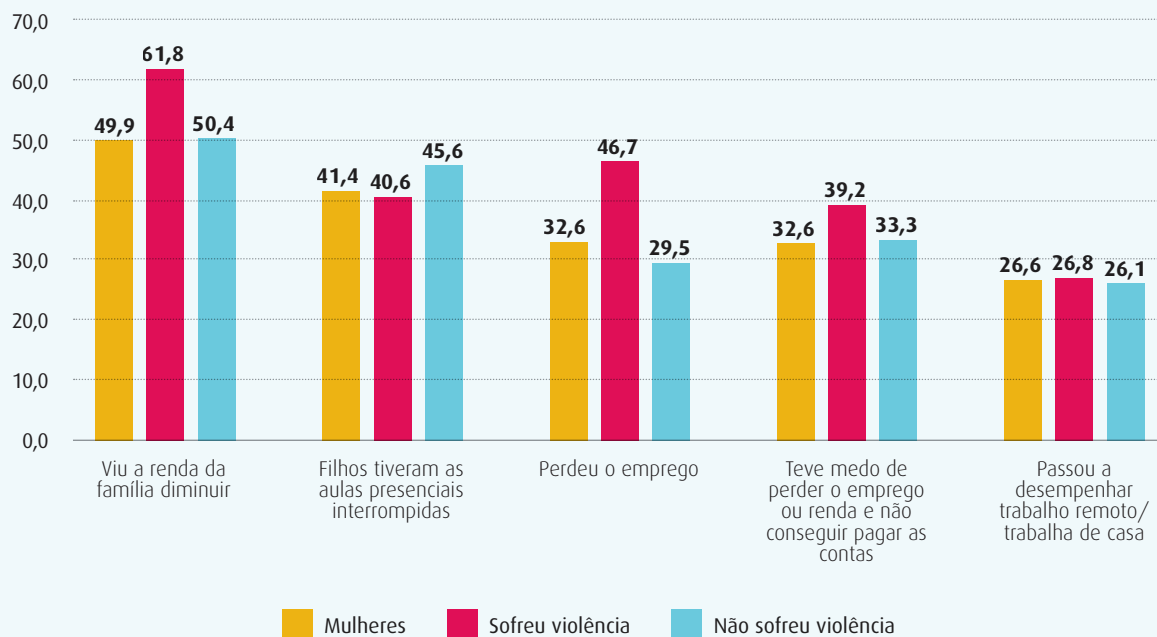
Considerando ainda que o consumo abusivo de bebidas alcoólicas é fator de risco em situações de violência doméstica, é preocupante que tanto entre mulheres quanto entre homens tenha havido aumento do consumo de álcool, ligeiramente maior entre homens (17,6%) do que entre mulheres (11,5%).

Gráfico 4: Nos últimos 12 meses, desde que a pandemia de covid-19 começou no Brasil, algumas dessas mudanças foram sentidas em sua vida? Por sexo. Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Amostra total, resposta estimulada e múltipla, em %.

Gráfico 5: Mudanças sentidas na vida durante a pandemia de covid-19, mulheres total, mulheres vítimas de violência e mulheres que não sofreram violência (bateria 1). Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Mulheres, resposta estimulada e múltipla, em %.

Quando comparamos as respostas do total da amostra de mulheres com aquelas que relataram ter sofrido violência e com as que não sofreram violência, outros dados importantes vêm à tona. A questão econômica emerge e verificamos que enquanto 61,8% das mulheres que sofreram violência tiveram redução da renda familiar, a média entre as que não sofreram violência foi de 50%. Entre as mulheres que sofreram violência quase metade perdeu o emprego (46,7%), índice que foi de 29,5% entre as que não sofreram violência.

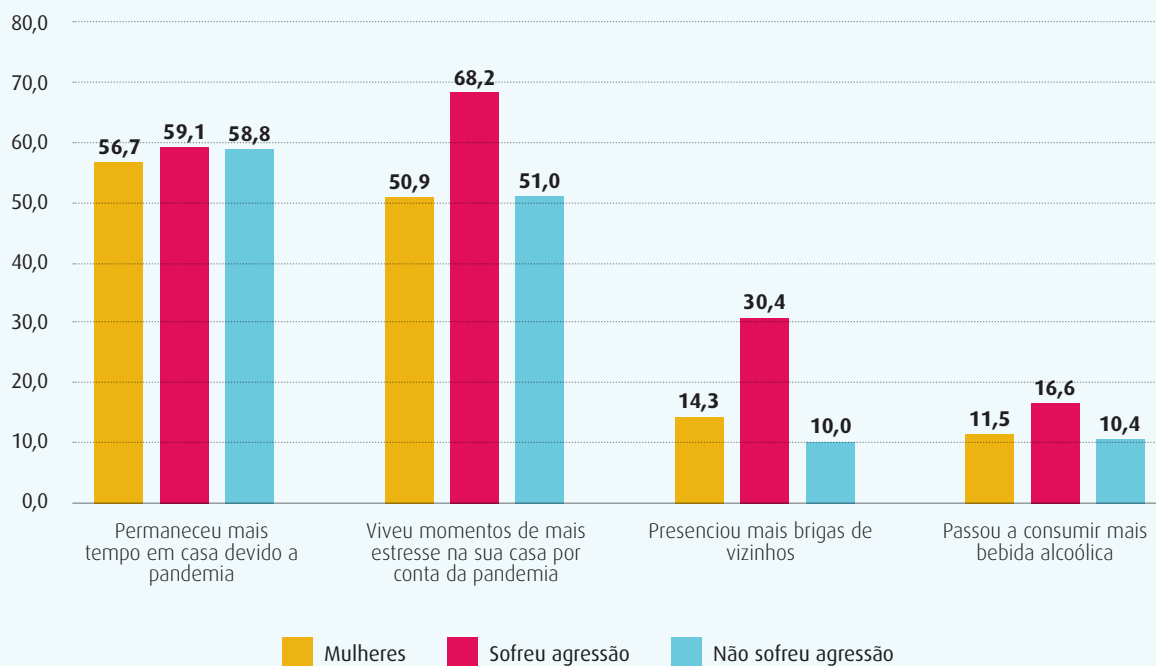
O trabalho de Cerqueira, Moura e Pasinato (2019) procurou compreender melhor a relação entre a inserção feminina no mercado de trabalho e seu efeito nos níveis de violência doméstica no Brasil.

Os autores mobilizam dois grupos de literatura que discutem essa associação, de um lado no campo da economia do crime autores que afirmam que o empoderamento econômico das mulheres aumentariam seu poder de barganha nas relações familiares, trazendo mais equilíbrio e, conseqüentemente, impactando na redução da violência doméstica pois, no limite, essa mulher pode se separar do companheiro. Um outro grupo de estudos feministas e de gênero relativizam estas conclusões ao trazerem para o debate a perspectiva sobre o comportamento e papéis de gênero desempenhados por homens e mulheres. Nesta perspectiva, a ida da mulher para o mercado de trabalho aumentaria as tensões entre o casal, o que ampliaria as possibilidades de as mulheres serem vítimas de violência.

Ainda na comparação entre as que sofreram violência e as que não sofreram violência, percebemos que mulheres que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência no último ano experimentaram níveis

mais elevados de estresse em casa (68,2%) do que as que não sofreram violência (51%), e passaram a consumir mais bebida alcoólica (16,6%) do que as que não sofreram violência (10,4%).

Gráfico 6: Mudanças sentidas na vida durante a pandemia de covid-19, mulheres total, mulheres vítimas de violência e mulheres que não sofreram violência (bateria 2). Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Mulheres, resposta estimulada e múltipla, em %.

Vitimização de mulheres no último ano

No módulo específico de autopreenchimento, com respostas apenas do público feminino, as perguntas foram voltadas à vitimização. Os valores de vitimização encontrados na pesquisa de 2021, embora ligeiramente menores do que na edição anterior (2019), encontram-se dentro da margem de erro (3 pontos para mais ou para menos), não sendo possível falar em redução da violência e sim em estabilidade na prevalência de violência de mulheres de 16 anos ou mais ⁹.

Em termos gerais, 1 em cada 4 (24,4%) das mulheres brasileiras acima de 16 anos afirmaram ter sofrido algum tipo de violência ou agressão nos últimos 12 meses, durante a pandemia de covid-19. Isso significa dizer que, em média, 17 milhões de mulheres sofreram violência baseada em gênero no último ano.

A violência de gênero é hiperendêmica no Brasil. A expressão, no vocabulário da saúde pública, descreve doenças persistentes e de alta incidência. Mais do que uma epidemia, portanto, em que uma enfermidade avança de forma expressiva, não esperada e delimitada no tempo, esse problema é melhor descrito no país pelo conceito de hiperendemia, que se refere à manutenção, em patamares altos, de uma doença social que já se manifesta com frequência. A despeito de sua gravidade, a violência de gênero vem se tornando mais nítida aos olhos da sociedade bra-

sileira somente no passado recente, o que também reflete o avanço das pesquisas e o amadurecimento do debate público em torno do tema.

Quando questionadas sobre o tipo de violência sofrida, 18,6% das mulheres relataram ter sofrido alguma ofensa verbal (insultos, xingamentos e humilhações), 8,5% relataram ter sofrido ameaças de violência física como tapas, empurrões ou chutes, 7,9% afirmam ter sofrido amedrontamento ou perseguição, 6,3% sofreram violência física como tapas, empurrões ou chutes, 5,4% ofensa sexual ou tentativa forçada de manter relação sexual.

3,1% das mulheres relataram ter sofrido ameaça com faca (arma branca) ou arma de fogo nos últimos 12 meses, 2,6% das mulheres sofreram lesões provocadas por algum objetivo que lhe foi atirado, 2,4% espancamento ou tentativa de estrangulamento e 1,5% esfaqueamento ou tiro. A tabela 1 apresenta os valores encontrados na pesquisa de vitimização, a margem de erro e a projeção populacional para cada tipo de violência. Conforme já explicitado na metodologia, este relatório e o infográfico apresentam os valores médios previstos na projeção, considerando a margem de erro para menos. Isto significa dizer que cerca de 17.062.771 mulheres relataram ter sofrido algum tipo de violência no último ano, mas que este total pode variar entre 15.075.082 e 19.050.459 mulheres vítimas.

⁹ Na pesquisa realizada em fevereiro de 2019, 27,4% das mulheres brasileiras relatou ter sofrido algum tipo de violência nos 12 meses que antecederam a pesquisa. Em maio de 2021, 24,4% das entrevistadas relatou ter vivenciado alguma situação de violência no último ano, diferença de exatos três pontos e dentro da margem de erro. As tabelas com os resultados comparativos entre esta edição da pesquisa e as anteriores constam do anexo deste documento.

Gráfico 7: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão como essas abaixo?



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta estimulada e múltipla, em %.

Tabela 1: Mulheres que sofreram algum tipo de violência ou agressão como essas abaixo nos últimos 12 meses. Valores reportados, margem de erro e projeção populacional.

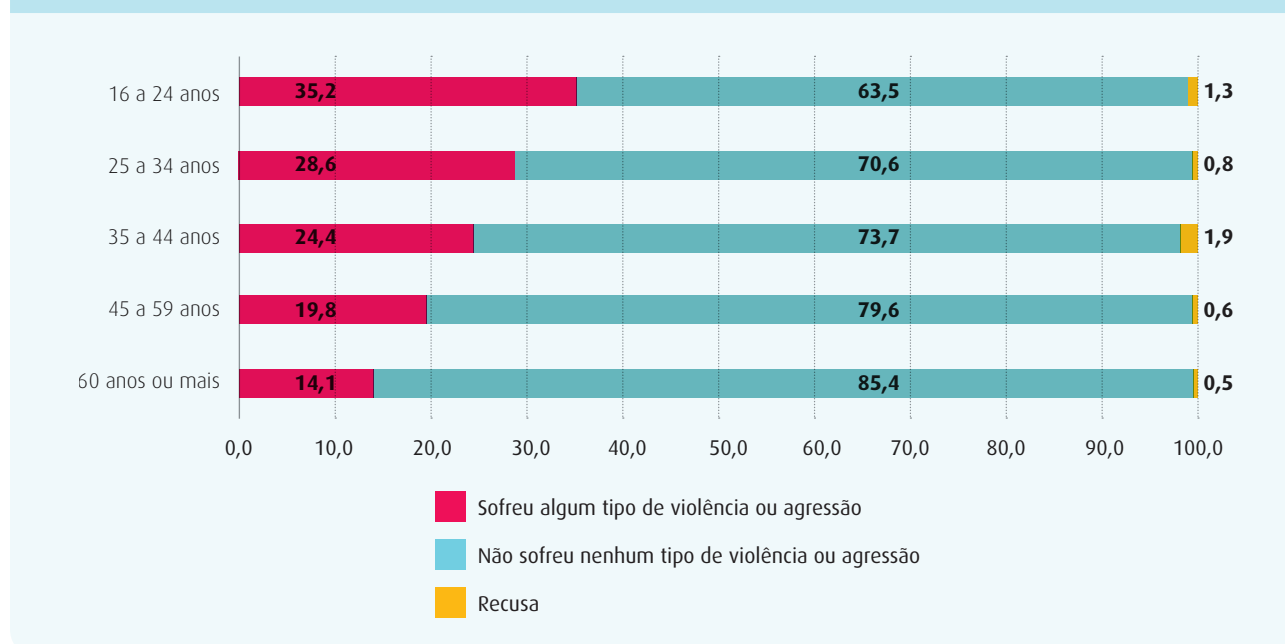
					Projeção populacional		
	Total	ME	Mínimo	Máximo	Mínimo	Média	Máximo
SOFREU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA OU AGRESSÃO	24,4	2,8	21,5	27,2	15.075.082	17.062.771	19.050.459
Insulto, humilhação ou xingamento (Ofensa verbal)	18,6	2,6	16,0	21,2	11.239.702	13.042.233	14.844.763
Ameaça de apanhar, empurrar ou chutar	8,5	1,8	6,6	10,3	4.649.749	5.939.749	7.229.750
Amedrontamento ou perseguição	7,9	1,8	6,1	9,6	4.253.049	5.498.471	6.743.892
Batida, empurrão ou chute	6,3	1,6	4,7	7,9	3.269.219	4.391.772	5.514.326
Ofensa sexual ou tentativa forçada de manter relação sexual	5,4	1,5	3,9	6,9	2.729.708	3.775.383	4.821.058
Ameaça com faca ou arma de fogo	3,1	1,2	2,0	4,3	1.391.835	2.199.388	3.006.941
Esfaqueamento ou tiro	1,5	0,8	0,7	2,3	500.366	1.067.696	1.635.027
Lesão provocada por algum objeto que lhe foi atirado	2,7	1,1	1,6	3,7	1.112.425	1.856.172	2.599.918
Espancamento ou tentativa de estrangulamento	2,4	1,0	1,4	3,4	955.680	1.660.048	2.364.416

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres que aceitaram responder o bloco de autopreenchimento, resposta estimulada e múltipla, em %. População de mulheres brasileiras (16 anos ou mais) - PNAD 2019 / Estimativa 2020.

Do ponto de vista do perfil destas vítimas, percebe-se que quanto mais jovens, maiores os níveis de violência relatados nos últimos 12 meses. Entre mulheres de 16 a 24 anos, 35,2% relatam ter sofrido algum tipo de violência; na faixa etária de 25 a

34 anos, 28,6% das mulheres sofreram algum tipo de violência, entre 35 e 44 anos 24,4% das mulheres, entre 45 e 59 anos 19,8% e acima de 60 anos 14,1% das mulheres sofreram algum tipo de violência ou agressão.

Gráfico 8: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão? Por faixa etária, Brasil, 2021.



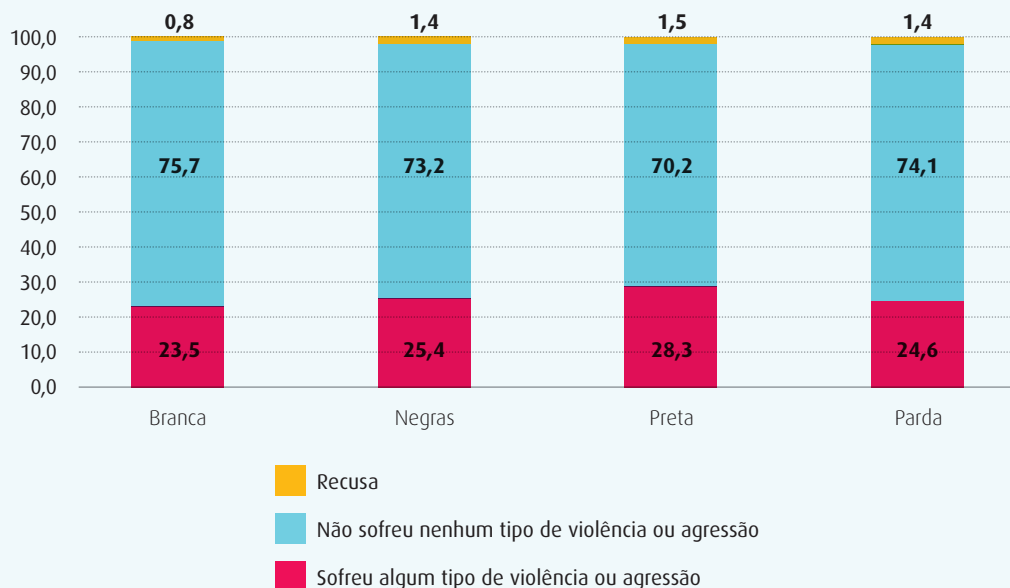
Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres.

Mulheres mais jovens possuem uma percepção maior do que é a violência, o que pode estar intimamente relacionado com os dados apresentados. Em relação ao perfil racial, mulheres pretas experimentaram os maiores níveis de vitimização (28,3%), seguidas das pardas (24,6%) e das brancas (23,5%).

O corte por escolaridade também demonstra uma diferença, mesmo que baixa, em relação à violência sofrida nos últimos 12 meses. As mulheres acima de 16 anos com ensino médio sofreram mais violência (26,8%) do que as mulheres com ensi-

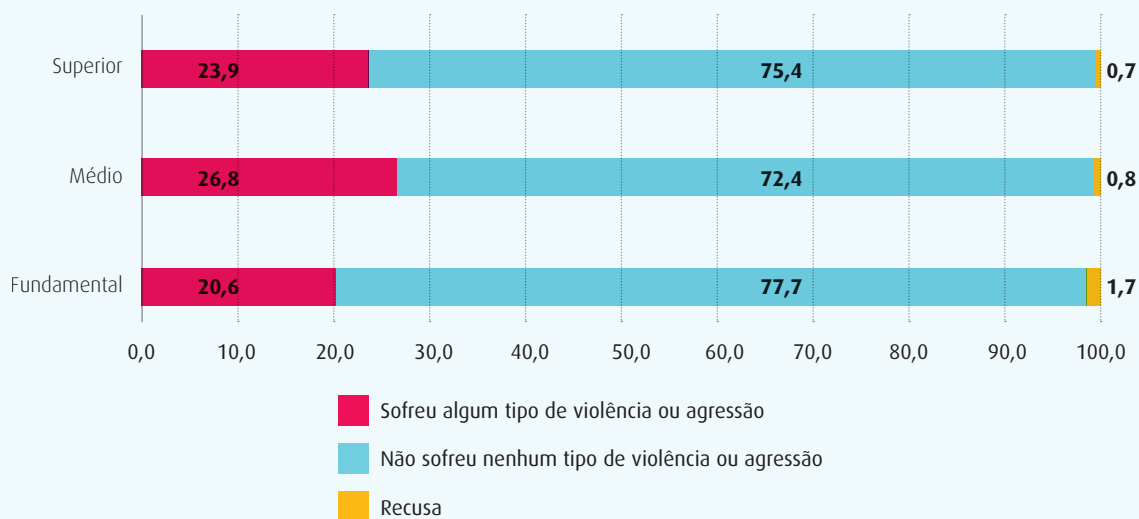
no superior (23,9%) e do que as mulheres com ensino fundamental (20,6%). Maiores níveis de vitimização entre as mulheres mais escolarizadas pode ser efeito, em alguma medida, da compreensão que esta mulher tem do que é uma violência. Considerando os altos níveis de violência doméstica e intrafamiliar com que o Brasil convive há décadas, é de se supor que vários comportamentos violentos estão naturalizados a ponto de não serem compreendidos enquanto tal, o que vem mudando recentemente entre as mais jovens, com o avanço dos níveis de escolaridade bem como com as mudanças culturais.

Gráfico 9: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão? Por raça/cor, Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres.

Gráfico 10: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão? Por escolaridade, Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres.

Outro dado relacionado ao perfil das respondentes que chama a atenção é a situação conjugal, demonstrado na tabela 2. Mulheres separadas e divorciadas apresentaram níveis muito mais elevados de vitimização (35%) do que em comparação com casadas (16,8%) e viúvas (17,1%), e mesmo do que entre as solteiras (30,7%). Destaca-se ainda que os níveis de vitimização para agressões físicas como soco, empurrão e chute são, em média, duas vezes maiores entre as divorciadas do que em todos os demais estados conjugais, assim como os níveis de vitimização por ofensa sexual, espancamento e esfaqueamento ou tiro. Ou seja, os números indicam que mulheres separadas e divorciadas estão sujeitas a modalidades mais graves e severas de violência do que as demais. É de se considerar, ainda, que mulheres casadas podem se sentir menos encorajadas a relatar situação de violência por medo ou vergonha.

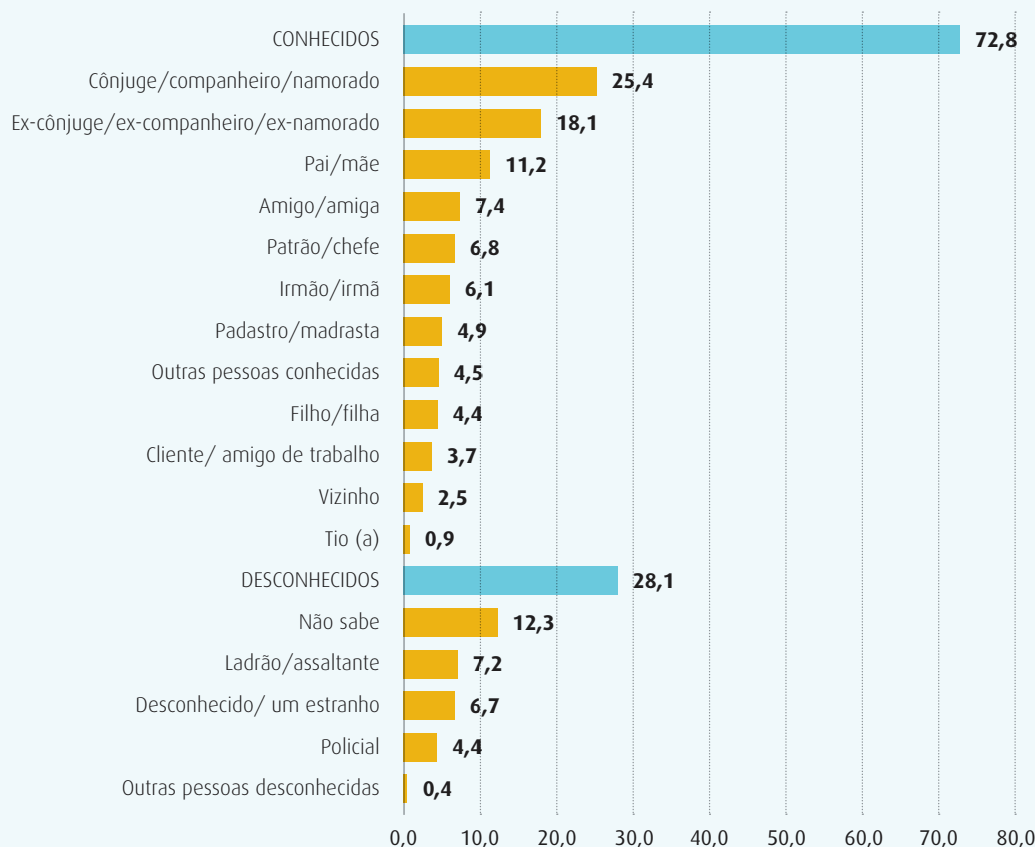
Existe um acúmulo na literatura que indica que tentativas de obter a separação e histórias repetidas de violências e agressões são fatores de vulnerabilidade que podem aumentar as chances de mulheres serem mortas por seus parceiros íntimos (Meneghel, Portella, 2017; Morgado, 2018), o que indica que o rompimento da relação é, ao mesmo tempo, a tentativa de interrupção da violência, mas também representa o momento em que ela fica mais vulnerável, podendo provocar aumento nos níveis de violência. Como afirma Rosana Morgado, “é possível afirmar que o momento em que a mulher busca romper a relação de violência, configura-se como um dos momentos de maior perigo para a sua integridade física, bem como para sua própria vida. Este momento por vezes estende-se por anos” (Morgado, 2018, p. 45).

Tabela 2: Pensando nos últimos 12 meses, desde o início da pandemia de covid-19, você sofreu algum tipo de violência ou agressão? Por estado conjugal, Brasil, 2021.

	ESTADO CONJUGAL			
	Casada	Solteira	Viúva	Separada/ Divorciada
FOI VÍTIMA DE VIOLÊNCIA OU AGRESSÃO	16,8	30,7	17,1	35,0
Insulto, humilhação ou xingamento (Ofensa verbal)	13,2	23,0	11,5	28,0
Ameaça de apanhar, empurrar ou chutar	5,5	9,9	7,5	15,6
Amedrontamento ou perseguição	5,1	9,2	8,4	13,5
Batida, empurrão ou chute	4,3	6,7	5,3	12,9
Ofensa sexual ou tentativa forçada de manter relação sexual	2,8	6,6	5,6	11,1
Ameaça com faca ou arma de fogo	2,2	2,5	4,6	8,3
Lesão provocada por algum objeto que lhe foi atirado	1,0	2,8	1,4	9,4
Espancamento ou tentativa de estrangulamento	1,4	2,5	2,4	5,6
Esfaqueamento ou tiro	0,5	1,1	3,8	5,8
Outro tipo	1,2	1,7	1,4	2,1
NÃO FOI VÍTIMA DE VIOLÊNCIA OU AGRESSÃO	82,1	68,3	80,5	65,0
RECUSA	1,1	1,0	2,4	

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres.

Gráfico 11: Quem cometeu essa violência. Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta espontânea e múltipla, em %.

Pesquisas pelo mundo indicam que, na maior parte dos casos, a violência de gênero é uma prática realizada por homens contra meninas e mulheres (ROSS, 2018). No Brasil, a violência de gênero mais comum é aquela causada pelo parceiro da vítima, seja atual ou passado, podendo se manifestar de diferentes formas: física, psicológica, moral, sexual, patrimonial. Concretiza-se em atos como ameaças, xingamentos,

humilhações, perseguições, agressões físicas, estupro e, em sua forma letal, os feminicídios¹⁰. É uma modalidade de violência que transcende diferenças socioeconômicas e geográficas, mas ao mesmo tempo se entranha no cotidiano como prática silenciosa e silenciada. Permeada por

¹⁰ Em 2019, 89,9% das mulheres vítimas de feminicídio foram mortas pelo companheiro ou ex-companheiro, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2020.

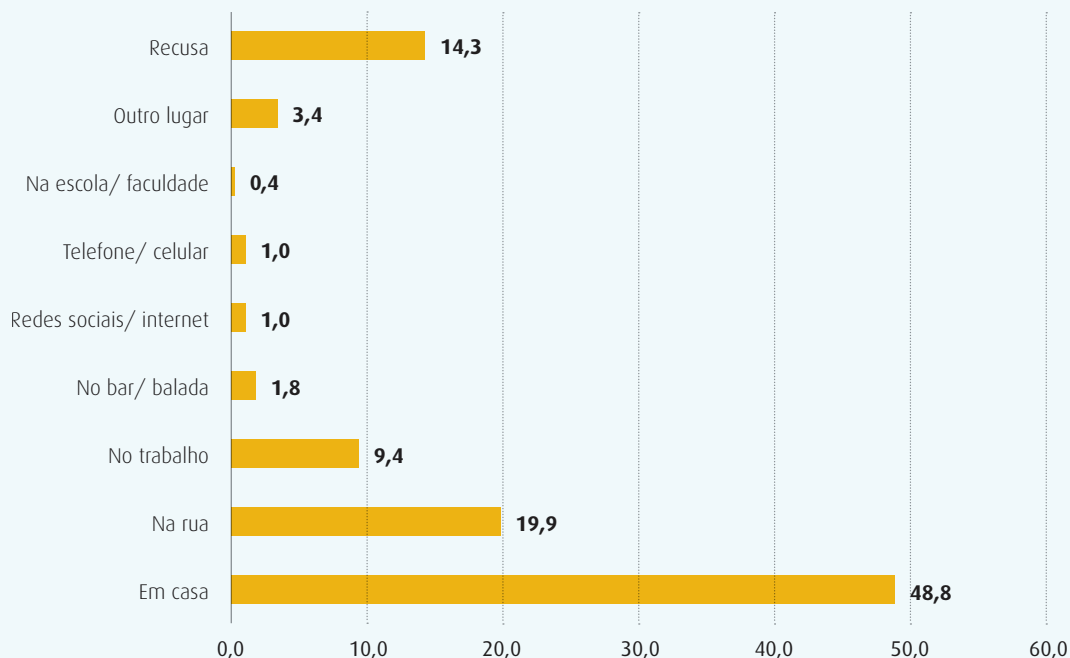
sentimentos como medo e culpa, e, não raro, dificuldade da própria vítima em reconhecer a violência sofrida. Isso pode se explicar, em parte, pelo fato de se tratar de um tipo de violência de certo modo naturalizado e tolerado socialmente, e que costuma ocorrer dentro de casa, na esfera privada. Corroborando estes dados, dentre as brasileiras que afirmaram ter sofrido violência ao longo dos últimos 12 meses, 72,8% afirmaram que o autor da violência era conhecido. Os mais frequentemente citados foram os cônjuges/companheiros/namorados com 25,4%, ex-cônjuges/ex-companheiros/ex-namorados com 18,1%; pais e mães com 11,2%, padrastos e madrastas

com 4,9%, e filhos e filhas com 4,4%, reforçando o caráter de violência doméstica e intrafamiliar. Menos de 1/3 dos autores de violência contra mulheres no último ano eram desconhecidos das vítimas (28,1%).

Na pandemia de covid-19, enquanto o lugar mais seguro para a grande parte da população é dentro das próprias casas, o mesmo não pode ser dito para muitas mulheres brasileiras. 48,8% dos casos de violência vivenciados pelas mulheres nos últimos 12 meses aconteceram dentro de casa. 19,9% das violências vivenciadas ocorreram na rua, 9,4% no trabalho e 1,8% no bar/balada.

Onde ocorreu a violência

Gráfico 12: Onde aconteceu essa violência. Brasil, 2021.



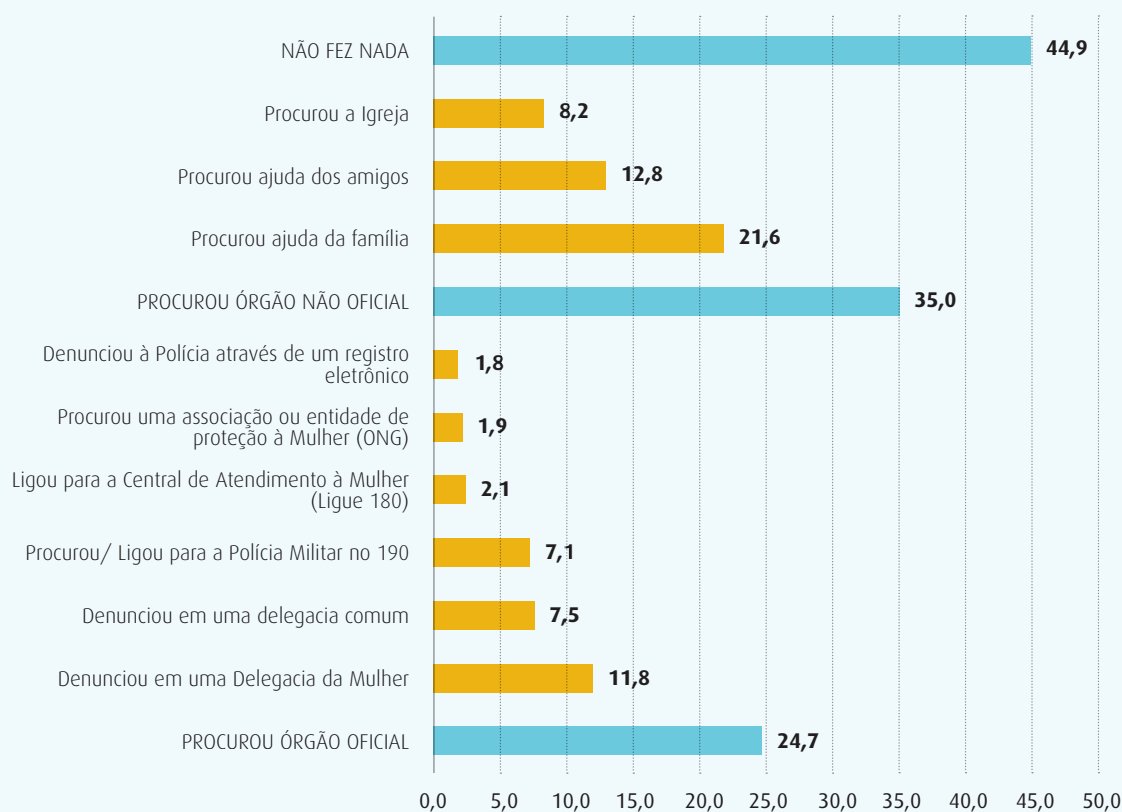
Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta espontânea e única, em %.

Chamam a atenção dois fatores que não se modificaram nas três edições da pesquisa (2017, 2019 e 2021): as mulheres sofreram mais violência dentro da própria casa e os autores de violência são pessoas conhecidas da vítima, o que concede um alto grau de complexidade ao enfrentamento da violência de gênero no que se refere à proteção da vítima, punição do agressor e medidas de prevenção. Outros levantamentos, como as edições recentes do Atlas da

Violência (IPEA, FBSP) e do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) já nos mostravam, mesmo antes da pandemia, tal complexidade. A pesquisa nos revela que a crise sanitária só torna o enfrentamento ainda mais difícil: mulheres convivendo mais tempo com seus agressores, perda de renda familiar, aumento das tensões em casa, maior isolamento da mulher e consequente distanciamento de um potencial rede de proteção (ONU MULHERES, 2020).

Atitude tomada

Gráfico 13: Atitude em relação à agressão mais grave sofrida nos últimos 12 meses, por tipo, Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta estimulada e múltipla, em %.

A fim de compreender a busca pelas instituições e pelas redes de apoio após ter sido vítima de violência, perguntou-se sobre a atitude tomada em relação à agressão mais grave sofrida nos últimos 12 meses.

A família foi o ator mais procurado pelas mulheres que sofreram violência (21,6%), seguida dos amigos (12,8%) e da igreja (8,2%). Dentre as que buscaram algum tipo de órgão oficial destacam-se as delegacias especializadas no atendimento às mulheres, citadas por 11,8% das que sofreram violência, as delegacias comuns por 7,5% e o acionamento da Polícia Militar via 190 por 7,1%. Cerca de 2% acionaram a polícia através de registro/boletim de ocorrência eletrônico, uma inovação em vários estados em função da pandemia. O Ligue 180, gerido pelo Governo Federal, foi mobilizado por 2,1% das vítimas.

A maioria das vítimas ainda permanece em silêncio e 44,9% responderam que não fizeram nada. Apesar deste número ser elevado, representa um avanço em relação à última pesquisa, quando 52% das vítimas afirmaram não ter feito nada.

Ao analisar os dados por tipo de violência sofrida, percebe-se que violências físicas consideradas mais graves implicam em maior busca pelas instituições oficiais. Enquanto apenas 25,4% das vítimas de ofensas verbais buscaram um órgão oficial como a Polícia ou o Ligue 180, 62,2% das vítimas de espancamento e 61,9% das que foram ameaçadas com faca ou arma de fogo buscaram ajuda do Estado ou de alguma ONG que atua na proteção de mulheres em situação de violência.

Tabela 3: Atitude em relação à agressão mais grave sofrida nos últimos 12 meses, por tipo de violência

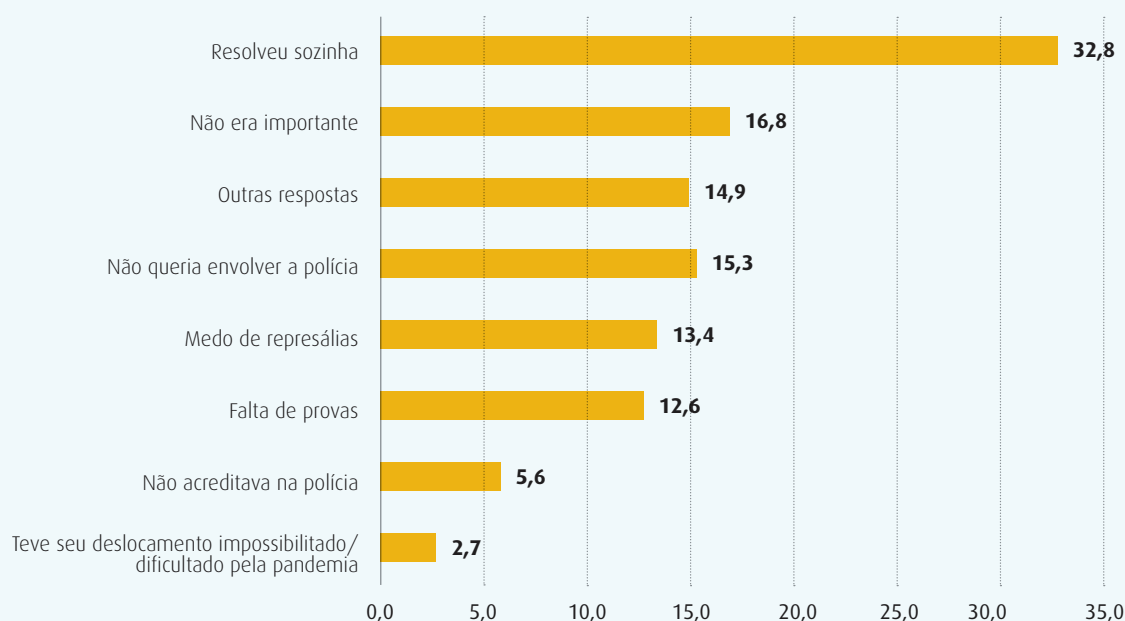
	Insulto, humilhação ou xingamento (Ofensa verbal)	Ameaça de apanhar, empurrar ou chutar	Ameaça com faca ou arma de fogo	Amedrontamento ou perseguição	Batida, empurrão ou chute	Lesão provocada por algum objeto que lhe foi atirado	Espancamento ou tentativa de estrangulamento	Esfacamento ou tiro	Ofensa sexual ou tentativa forçada de manter relação sexual	Outro tipo
PROCUROU ÓRGÃO OFICIAL	25,4	40,1	61,9	30,8	38,2	55,0	62,2	40,4	27,4	49,1
Denunciou em uma Delegacia da Mulher	12,9	19,1	26,6	15,7	20,1	30,3	31,0	12,6	11,3	26,6
Denunciou em uma delegacia comum	7,3	14,6	21,7	9,4	16,0	19,6	28,9	16,8	8,6	
Procurou/ Ligou para a Polícia Militar no 190	8,1	15,0	24,5	11,8	13,3	25,7	16,8	11,0	9,5	7,9
Ligou para a Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180)	1,7	2,6	3,2	1,4	3,5	8,3	5,0		4,1	19,6
Procurou uma associação ou entidade de proteção à Mulher (ONG)	2,5	4,0	3,1	2,4			6,1		2,3	14,5
Denunciou à Polícia através de um registro eletrônico	1,6	4,2	11,4	2,8	5,7	13,5	10,6	9,2	2,0	
PROCUROU ÓRGÃO NÃO OFICIAL	36,9	35,0	34,1	41,0	37,8	43,9	38,7	46,4	48,9	50,8
Procurou ajuda da família	25,5	26,3	30,7	28,0	28,3	32,4	30,8	31,5	33,7	45,1
Procurou ajuda dos amigos	11,5	11,6	10,0	16,4	12,1	19,2	17,7	7,9	16,0	5,7
Procurou a Igreja	9,3	8,5	10,1	12,2	11,2	24,4	19,0	12,8	9,4	6,2
NÃO FEZ NADA	43,2	33,7	14,0	34,5	32,4	16,4	13,6	18,8	31,5	20,3

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta estimulada e múltipla, em %.

Dentre as mulheres que optaram por não procurar a polícia após o episódio de violência o principal motivo apontado foi terem resolvido a situação sozinhas (32,8%). Para 16,8% a violência sofrida não foi um fato muito importante, 15,3% não quiseram

envolver a polícia no caso e 13,4% tiveram medo de sofrer represálias por parte do autor. Outros 12,6% afirmaram que o fato de não ter provas para denunciar as impediu de procurar a polícia e 5,6% disseram não acreditar na polícia para registrar queixa.

Gráfico 14: Qual o principal motivo pelo qual não procurou a polícia após a última agressão sofrida. Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta estimulada e múltipla, em %.

Questionadas sobre se a situação da pandemia teria influenciado para que sofressem violência, metade disseram acreditar que a crise sanitária contribuiu para agravar de algum modo a violência sofrida, 33,9% não viram influência e 15,3% não souberam responder.

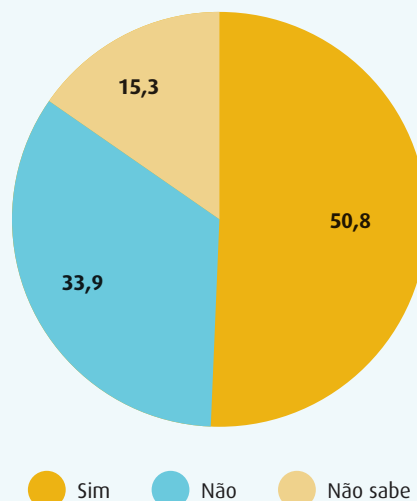
Quando foi solicitado que indicassem os fatores que mais teriam contribuído para a violência sofrida, o ponto mais levantado foi a perda de emprego ou impossibilidade de trabalhar para garantir renda própria

(25,1%), dado que vai ao encontro dos elevados percentuais de diminuição de renda e perda de emprego quando comparamos as mulheres que sofreram violência com as que não sofreram violência. A maior convivência com o agressor apareceu em 21,8% das respostas e 9,2% das mulheres indicam que um dos fatores que influenciaram para a ocorrência de violência foi a dificuldade para ir até a Delegacia da Mulher/Polícia ou outros locais que funcionam como redes de proteção. Chama a atenção que mais de ¼ das entrevistadas não souberam responder.

O que influenciou para a ocorrência de violência segundo as entrevistadas

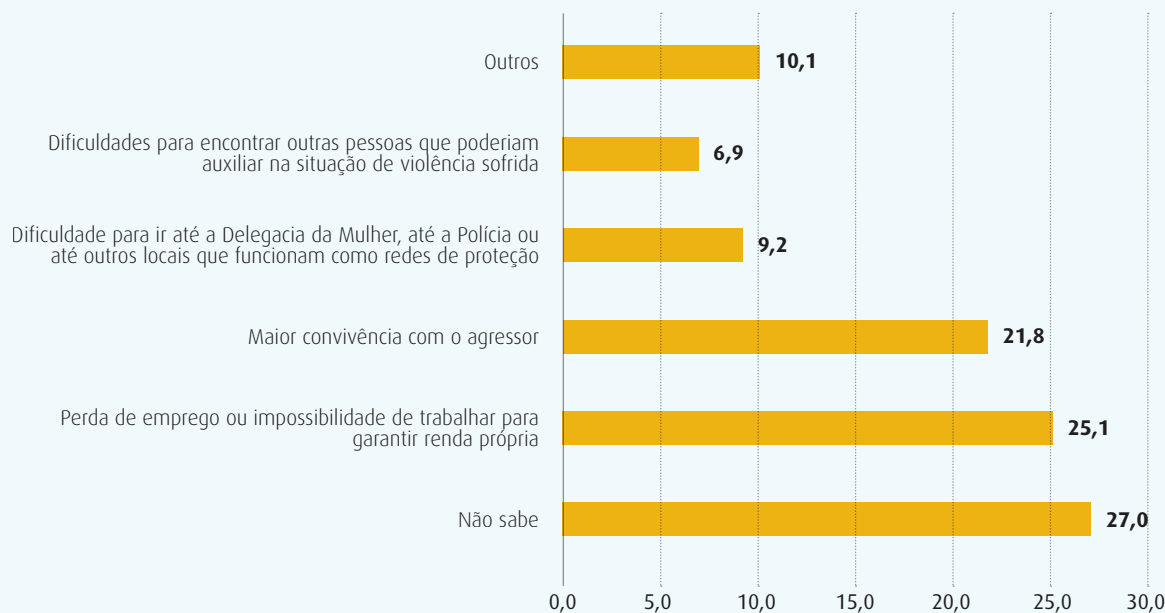
Os dados desagregados ajudam a compreender que, em situações de violência mais graves, como espancamento ou tentativa de estrangulamento e esfaqueamento ou tiro, o fator de maior influência, na visão das mulheres, para a ocorrência da violência vivenciada é a perda de emprego ou impossibilidade de trabalhar para garantir a renda própria, o que muito provavelmente tem se colocado como obstáculo ao rompimento da relação.

Gráfico 15: Você acredita que a situação de pandemia influenciou para agravar de algum modo a violência que você sofreu?



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta espontânea e única, em %.

Gráfico 16: Quais dos fatores abaixo você considera que mais influenciaram para a ocorrência de violência que você sofreu?



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta espontânea e única, em %.

Assédio sexual

Com o objetivo de jogar luz sobre um tipo de violência ainda pouco captada pelos registros administrativos, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Datafolha também perguntaram às mulheres sobre a vitimização sofrida por assédio sexual.

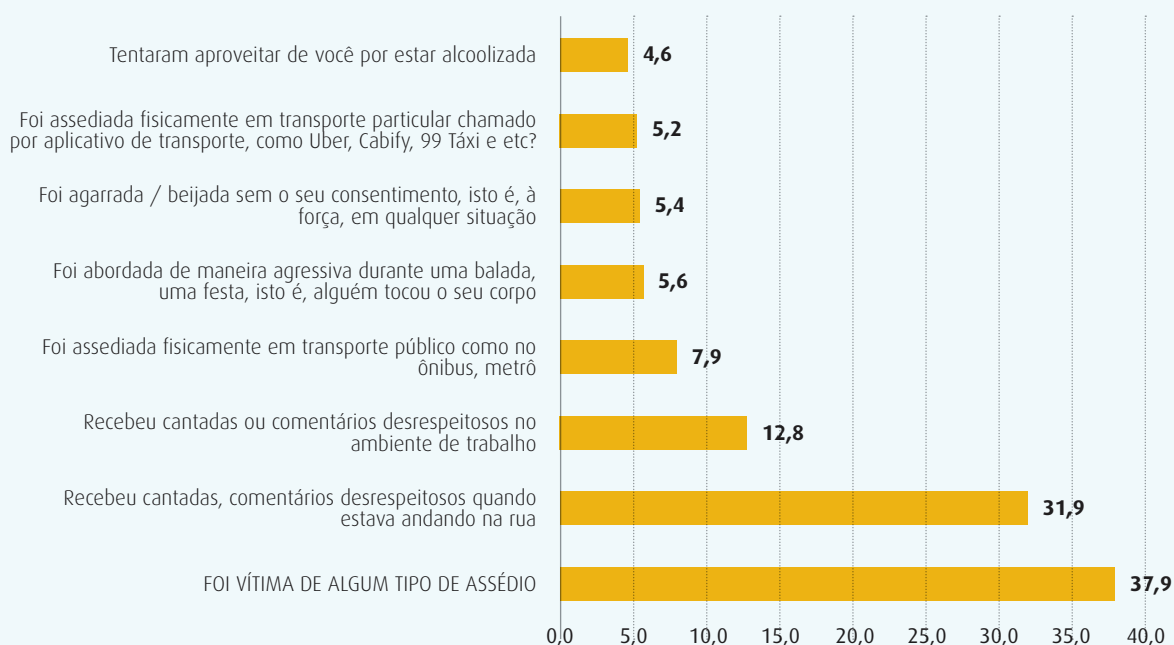
No que diz respeito ao assédio sofrido pelas mulheres brasileiras nos últimos 12 meses, o gráfico abaixo ilustra a situação: em média, 26,5 milhões de brasileiras foram vítimas de assédio sexual. A pergunta consistia em múltiplas alternativas em relação ao tipo de assédio sofrido.

O tipo de assédio mais frequentemente citado foi comentários desrespeitosos quando estavam na rua,

mencionados por 31,9% das mulheres brasileiras de 16 anos ou mais. Na sequência aparecem as cantadas ou comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho, que atingiram 12,8% das entrevistadas, e o assédio no transporte público para 7,9% das respondentes. Chama a atenção que os três locais mais citados como espaços em que vivenciaram algum tipo de assédio tenham sido a rua, o ambiente profissional e o transporte público, muito mais frequentes que festas e baladas (5,6%), locais em que as pessoas tendem a consumir bebida alcoólica e estão mais dispostas a socializar.

5,4% das mulheres afirmaram terem sido beijadas ou agarradas sem consentimento, 5,2% foram vítimas de assédio em transporte por aplicativo e 4,6% afirmaram que tentaram tirar van-

Gráfico 17: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses. Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta estimulada e única, em %.

tagem delas por estarem alcoolizadas. A tabela 4 apresenta os valores médios encontrados, a margem de erro e a projeção populacional considerando a margem de erro para todos os tipos de assédio mapeados.

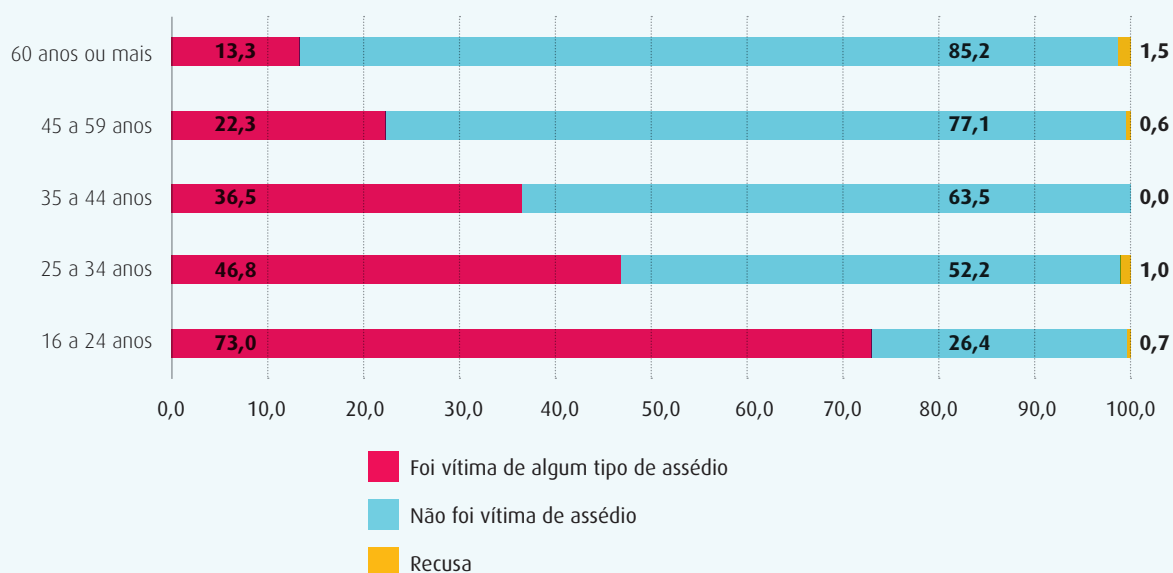
A vitimização por assédio sexual está intimamente relacionada à idade, quanto mais jovens, maior a prevalência. Em média, 3 em cada 4 jovens de 16 a 24 anos sofreu algum tipo de assédio sexual no último ano (73%) e quase metade das mulheres entre 25 e 34 anos (46,8%).

Tabela 4: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses. Brasil, 2021.

					Projeção populacional		
	Total	ME	Mínimo	Máximo	Mínimo	Média	Máximo
SOFREU ALGUM TIPO DE ASSÉDIO	37,9	3,2	34,7	41,1	24.300.294	26.546.757	28.793.220
Recebeu cantadas, comentários desrespeitosos quando estava andando na rua	31,9	3,1	28,9	35,0	20.213.148	22.372.122	24.531.096
Recebeu cantadas ou comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho	12,8	2,2	10,6	15,0	7.399.170	8.944.646	10.490.122
Foi assediada fisicamente em transporte público como no ônibus, metrô, van, táxi, etc.	7,9	1,8	6,1	9,6	4.259.328	5.505.475	6.751.622
Foi abordada de maneira agressiva durante uma balada, uma festa, isto é, alguém tocou o seu corpo	5,6	1,5	4,1	7,1	2.863.919	3.929.480	4.995.041
Foi agarrada / beijada sem o seu consentimento, isto é, à força, em qualquer situação	5,4	1,5	3,9	6,9	2.741.889	3.789.392	4.836.895
Foi assediada fisicamente em transporte particular chamado por aplicativo de transporte, como Uber, Cabify, 99 Táxi e etc?	5,2	1,5	3,7	6,7	2.620.259	3.649.304	4.678.348
Tentaram aproveitar de você por estar alcoolizada	4,6	1,4	3,2	6,0	2.264.004	3.236.043	4.208.081

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres, resposta estimulada e múltipla, em %.

Gráfico 18: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses, por faixa etária. Brasil, 2021.



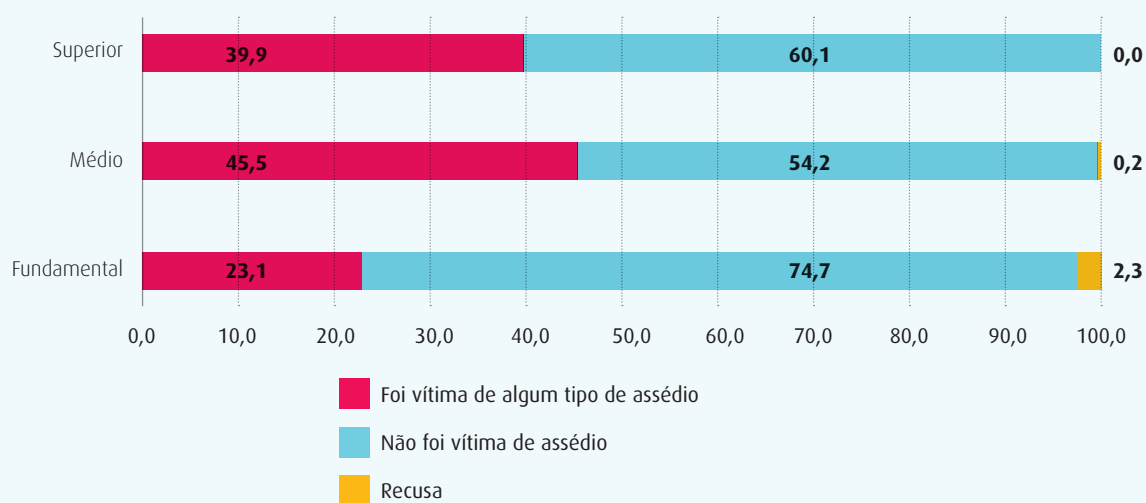
Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres.

Do ponto de vista da escolaridade das vítimas, mulheres com ensino médio e superior apresentam níveis bem mais elevados de vitimização do que aquelas com ensino fundamental.

Por fim, como já apontado nas pesquisas anteriores, a prevalência de assédio sexual entre

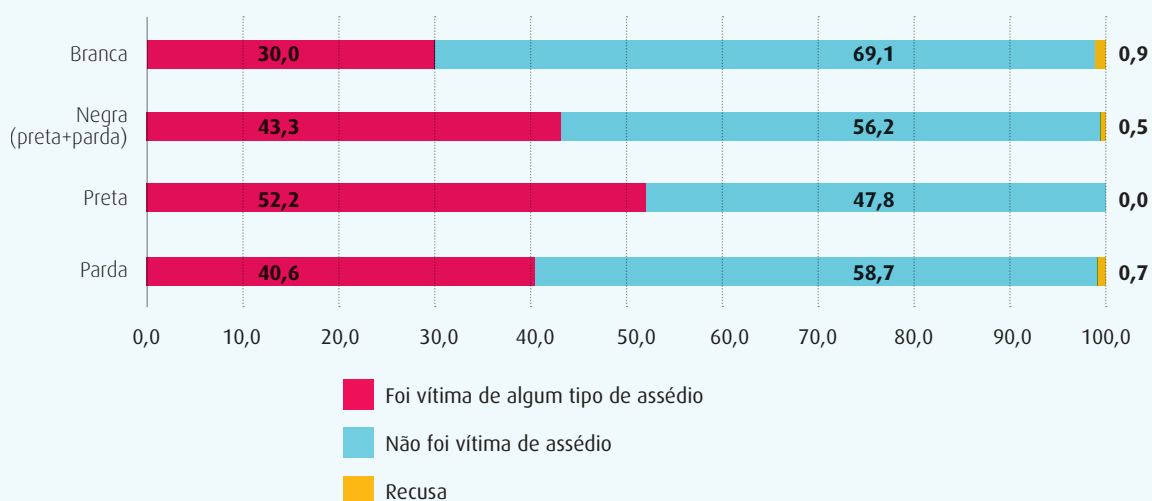
as mulheres pretas (52,2%) foi maior do que a encontrada entre mulheres pardas (40,6%) e entre as brancas (30,0%), trazendo para o centro do debate o racismo, o machismo e a objetificação do corpo das mulheres negras como variáveis centrais para compreensão destes resultados.

Gráfico 19: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses, por escolaridade. Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres.

Gráfico 20: Vitimização de mulheres por assédio nos últimos 12 meses, por raça/cor. Brasil, 2021.



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edição 3, 2021. Apenas mulheres.

Anexo I – Amostra

Perfil da amostra - total e apenas mulheres

Região Geográfica	Total	Mulheres
Sudeste	43,6	43,9
Nordeste	25,9	26,0
Sul	14,9	14,7
Norte	7,8	7,7
Centro-Oeste	7,7	7,7
	100,0	100,0

Natureza do município	Total	Mulheres
RM	42,3	42,3
Capital	24,9	25,2
Outros municípios RM	17,5	17,1
Interior	57,7	57,7
	100,0	100,0

Porte da cidade	Total	Mulheres
Até 50 mil habitantes	29,7	29,8
Mais de 50 a 200 mil	21,7	21,4
Mais de 200 a 500 mil	15,9	15,9
Mais de 500 mil habitantes	32,7	33,0
	100,0	100,0

Sexo	Total	Mulheres
Masculino	47,4	
Feminino	52,6	100,0
	100,0	100,0

Idade	Total	Mulheres
16 a 24 anos	16,7	15,6
25 a 34 anos	19,0	18,4
35 a 44 anos	19,4	19,4
45 a 59 anos	24,3	24,6
60 anos ou mais	20,6	21,9
	100,0	100,0

Escolaridade	Total	Mulheres
Fundamental	32,9	32,6
Médio	45,9	44,8
Superior	21,2	22,5
	100,0	100,0

Estado conjugal	Total	Mulheres
Casado(a)/ com companheiro(a)	44,0	42,2
Solteiro(a)	41,0	39,2
Separado/ Divorciado	10,3	11,5
Viúvo	4,8	7,2
	100,0	100,0

Renda individual mensal	Total	Mulheres
Até 1 S.M.	52,4	61,2
Mais de 1 a 2 S.M.	21,7	18,1
Mais de 2 a 3 S.M.	9,9	7,9
Mais de 3 a 5 S.M.	5,9	3,1
Mais de 5 a 10 S.M.	3,5	2,4
Mais de 10 a 20 S.M.	1,1	0,4
Mais de 20 a 50 S.M.	0,4	0,3
Mais de 50 S.M.	0,0	
Recusa	1,9	2,6
Não sabe	3,1	4,1
	100,0	100,0

Renda familiar mensal	Total	Mulheres
Até 1 S.M.	24,7	29,0
Mais de 1 a 2 S.M.	27,2	29,1
Mais de 2 a 3 S.M.	17,2	16,2
Mais de 3 a 5 S.M.	14,1	10,8
Mais de 5 a 10 S.M.	7,5	5,4
Mais de 10 a 20 S.M.	3,0	1,8
Mais de 20 a 50 S.M.	0,9	0,7
Mais de 50 S.M.	0,2	0,0
Recusa	1,3	1,7
Não sabe	4,0	5,3
	100,0	100,0

Classificação econômica	Total	Mulheres
AB	24,6	21,0
A	2,7	2,5
B	21,9	18,5
B1	4,6	3,3
B2	17,3	15,2
C	47,0	47,7
C1	20,3	19,5
C2	26,7	28,2
DE	28,4	31,3
	100,0	100,0

Raça/cor	Total	Mulheres
Parda	39,4	40,5
Branca	35,0	35,2
Preta	14,7	13,3
Amarela	2,9	3,6
Indígena	2,2	2,1
Outras	5,8	5,2
	100,0	100,0

Ocupação	Total	Mulheres
PEA	73,4	67,3
Assalariado registrado	20,6	19,5
Free-lance/ bico	14,4	13,0
Autônomo regular (Paga ISS)	8,5	7,1
Assalariado sem registro	7,2	6,4
Funcionário público	6,2	6,3
Empresário	2,9	1,4
Estagiário/ aprendiz (remunerado)	0,8	1,1
Profissional liberal (autônomo universitário)	0,8	0,5
Outros PEA	1,8	1,3
Desempregado (procura emprego)	10,4	10,7
NÃO PEA	26,6	32,7
Aposentado	11,3	13,4
Dona de casa	7,1	10,9
Estudante	3,1	3,0
Vive de rendas	0,2	0,2
Outros NÃO PEA	1,5	1,7
Desempregado (Não procura emprego)	3,3	3,4
	100,0	100,0

Presença de filhos/quantidade	Total	Mulheres
Tem filhos	67,7	73,0
1 a 2 filhos	42,8	46,0
3 a 4 filhos	19,9	21,3
5 ou mais filhos	4,9	5,7
Não tem filhos	32,3	27,0
	100,0	100,0

Anexo II – Comparativo entre as pesquisas

Esta seção apresenta os principais resultados das três pesquisas de vitimização de mulheres realizadas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e pelo Instituto Datafolha.

As três pesquisas foram quantitativas, com abordagem pessoal dos entrevistados em pontos de fluxo populacionais. As entrevistas foram realizadas mediante a aplicação de questionário estruturado, elaborado pelo FBSP, com cerca de 15 a 20 minutos de duração. A pesquisa teve um módulo específico de autopreenchimento, com questões sobre vitimização aplicadas somente às mulheres. As entrevistadas que aceitaram participar deste módulo responderam sozinhas às questões, diretamente no tablete, após orientação do(a) pesquisador(a).

A primeira edição foi realizada em 130 municípios de pequeno, médio e grande porte entre os dias 11 e 17 de fevereiro de 2017. Foram entrevistadas 2.073 pessoas, sendo 1.051 mulheres. Destas, 833 aceitaram responder ao módulo de autopreenchimento a respeito de vitimização e assédio (78%).

A segunda edição foi realizada em 130 municípios de pequeno, médio e grande porte, no período de 04 a 05 de fevereiro de 2019. A amostra

total nacional foi de 2.084 entrevistas. A amostra total de mulheres foi de 1.092 entrevistas, sendo que destas 897 aceitaram responder o módulo de autopreenchimento (78%).

A terceira edição foi realizada no período de 10 a 14 de maio de 2021, nos mesmos municípios das edições anteriores. A amostra total nacional foi de 2.079 entrevistas. A amostra total de mulheres foi de 1.093 entrevistas, sendo que destas 879 aceitaram responder o módulo de autopreenchimento (80%).

O universo da pesquisa é a população adulta brasileira de todas as classes sociais com 16 anos ou mais. A abrangência é nacional, incluindo regiões metropolitanas e cidades do interior de diferentes portes, em todas as regiões do Brasil.

A margem de erro para o total da amostra nacional é de 2,0 pontos para mais ou para menos (P1). A margem de erro para o total da amostra de mulheres participantes do autopreenchimento é de 3,0 pontos para mais ou para menos (P2 a P6) e, por isso, os dados precisam ser lidos com cautela e considerando a margem de erro para cada amostra, limitando apontamentos de crescimento e/ou redução.

P1 - Nos últimos 12 meses, você viu alguma dessas situações acontecendo no seu bairro ou comunidade? (Resposta estimulada e múltipla, em %)

	2017			2019			2021		
	TOTAL	SEXO		TOTAL	SEXO		TOTAL	SEXO	
		Masculino	Feminino		Masculino	Feminino		Masculino	Feminino
VIU ALGUMA DESSAS SITUAÇÕES	66,0	66,0	66,0	59,0	58,0	60,0	51,1	47,6	54,2
Homens abordando mulheres na rua de forma desrespeitosa, mexendo, passando cantadas, dizendo ofensas	51,0	51,0	51,0	43,0	41,0	44,0	34,3	32,0	36,4
Homens humilhando, xingando ou ameaçando namoradas ou ex-namoradas, mulheres ou ex-mulheres, companheiras ou ex-companheiras	46,0	44,0	47,0	37,0	33,0	40,0	32,9	30,6	35,1
Homens brigando, se agredindo, se ameaçando ou discutindo por causa de ciúmes de uma namorada ou ex-namorada, companheira ou ex-companheira, mulher ou ex-mulher	44,0	47,0	42,0	34,0	37,0	31,0	28,4	29,9	27,1
Mulheres que residem na sua vizinhança sendo ameaçadas por seus companheiros, maridos, namorados ou ex-companheiros, ex-maridos, ex-namorados	37,0	36,0	38,0	29,0	27,0	30,0	25,2	22,2	27,9
Mulheres que residem na sua vizinhança sendo agredidas por maridos, companheiros, namorados ou ex-maridos, ex-companheiros, ex-namorado	37,0	34,0	39,0	28,0	24,0	31,0	24,8	22,7	26,6
Meninas, moças ou mulheres adultas que residem na sua vizinhança sendo agredidas por parentes como pai, padrasto, irmão, tio, cunhado, avô, etc	30,0	29,0	32,0	20,0	19,0	22,0	17,5	17,2	17,9
NÃO VIU NENHUMA DESSAS SITUAÇÕES	34,0	34,0	34,0	41,0	42,0	40,0	48,9	52,4	45,8

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edições 1, 2 e 3; 2017, 2019 e 2021.

VIOLÊNCIA – SÓ COM MULHERES – AUTOPREENCHIMENTO

P2 - Pensando nos últimos 12 meses, você sofreu algum tipo de violência ou agressão como essas abaixo: ____?

ACEITA RESPONDER (Resposta estimulada e múltipla, em %) - base: mulheres que aceitaram responder

	PESQUISA 2017	PESQUISA 2019	PESQUISA 2021
SOFREU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA OU AGRESSÃO	28,6	27,4	24,4
Insulto, humilhação ou xingamento (Ofensa verbal)	22,2	21,8	18,6
Ameaça de apanhar, empurrar ou chutar	10	9,5	8,5
Amedrontamento ou perseguição	9,3	9,1	7,9
Batida, empurrão ou chute	8,9	9	6,3
Ofensa sexual (algumas vezes as pessoas agarram, tocam ou agridem fisicamente e verbalmente outras pessoas por motivos sexuais)	8,1	8,9	...
Ofensa sexual ou tentativa forçada de manter relação sexual	5,4
Ameaça com faca ou arma de fogo	4,3	3,9	3,1
Lesão provocada por algum objeto que lhe foi atirado	4,0	3,9	2,6
Espancamento ou tentativa de estrangulamento	3,4	3,6	2,4
Tiro ou esfaqueamento	1,9	1,7	1,5
Outras respostas	0,1	0,7	1,5
NÃO SOFREU NENHUM TIPO DE VIOLÊNCIA OU AGRESSÃO	70,2	70,8	74,6
RECUSA	1,2	1,8	1,0

P3 - Considerando a violência ou agressão mais grave sofrida nos últimos 12 meses, QUEM cometeu essa violência? (Resposta espontânea e múltipla, em %) Base: Entrevistadas que sofreram algum tipo de agressão nos últimos 12 meses

	PESQUISA 2017	PESQUISA 2019	PESQUISA 2021
CONHECIDOS	61,2	76,4	72,8
Cônjuge/companheiro/namorado	19,4	23,8	25,4
Ex-cônjuge/ex-companheiro/ex-namorado	16	15,2	18,1
Irmão/irmã	9,1	4,9	6,1
Amigo/amiga	7,8	6,3	7,4
Pai/mãe	7,5	7,2	11,2
Vizinho (a)	3,8	21,1	2,5
Patrão/chefe/colega de trabalho	3,4	3	6,8
Padrasto/madrasta	3,2	0,8	4,9
Filho/filha/Enteado(a)	2,7	0,9	4,4
Outras pessoas conhecidas	-	2,7	
DESCONHECIDOS	32,9	28,2	28,1
Ladrão/assaltante	10,4	4	7,2
Desconhecido/ pessoa desconhecida na rua	5,4	8,6	6,7
Policial	2,7	0,8	4,4
Não sabe	16,2	15,1	12,3
OUTRAS PESSOAS	9,4	1	0,4

P4 - Onde aconteceu essa violência? (Resposta espontânea e única, em %) Base: Entrevistadas que sofreram algum tipo de agressão nos últimos 12 meses

	2017	2019	2021
Em casa	43,3	42,0	48,8
Na rua	39,1	29,1	19,9
No trabalho	5,3	7,5	9,4
No bar/ balada	4,7	2,7	1,8
Na escola/ faculdade	3,1	1,4	0,4
Na internet (Rede social/ Facebook/ aplicativo/ celular)	1,2	8,2	2,0
Outro lugar	1,2	9,0	5,4
Recusa	2,1	0,0	14,3

P5 - Qual foi sua atitude em relação a essa agressão mais grave sofrida nos últimos 12 meses? Você _____? (Resposta estimulada e múltipla, em %) Base: Entrevistadas que sofreram algum tipo de agressão nos últimos 12 meses

	2017	2019	2021
Procurou ajuda da família	13,0	15,0	21,6
Procurou ajuda dos amigos	12,0	10,0	12,8
Denunciou em uma Delegacia da Mulher	11,0	10,0	11,8
Denunciou em uma delegacia comum	10,0	8,0	7,5
Procurou a Igreja	5,0	8,0	8,2
Ligou para a Polícia Militar no 190	3,0	5,0	7,1
Ligou para a Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180)	1,0	1,0	2,1
Não fez nada	52,0	52,0	44,9
Denunciou à Polícia através de um registro eletrônico	-	-	1,8
Procurou uma associação ou entidade de proteção à Mulher (ONG)	-	-	1,9

P6 - Agora vou apresentar uma série de situações de assédio a mulheres que podem ocorrer na nossa sociedade e gostaria que a você respondesse se, considerando os últimos 12 meses, já sofreu algumas delas. Nos últimos 12 meses, você: _____? (Resposta estimulada e única, em %) Base: Mulheres que aceitaram responder

	2017	2019	2021
SOFREU ALGUM TIPO DE ASSÉDIO	40,2	37,1	37,9
Recebeu cantadas, comentários desrespeitosos quando estava andando na rua	35,6	32,1	31,9
Recebeu cantadas ou comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho	13,3	11,5	12,8
Foi assediada fisicamente em transporte público como no ônibus, metrô	10,4	7,8	7,9
Foi abordada de maneira agressiva durante uma balada, uma festa, isto é, alguém tocou o seu corpo	6,2	6,2	5,6
Foi agarrada / beijada sem o seu consentimento, isto é, à força, em qualquer situação	5,0	5,0	5,4
Foi assediada fisicamente em transporte particular chamado por aplicativo de transporte, como Uber, Cabify, 99 Táxi e etc?	...	4	5,2
Tentaram aproveitar de você por estar alcoolizada	3,7	3,3	4,6
NÃO FOI VÍTIMA DE ASSÉDIO	59,4	61,6	61,4
RECUSA	0,4	1,3	0,7

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública; Instituto Datafolha. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil, edições 1, 2 e 3; 2017, 2019 e 2021.

Referências bibliográficas

- BLAY, Eva. Violência contra a mulher: um grave problema não solucionado. In.: BLAY, Eva. **Femininos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014, pp. 13-28.
- CAMPBELL, A. M. **An Increasing Risk of Family Violence during the Covid-19 Pandemic: Strengthening Community Collaborations to Save Lives**. Forensic Science International: Reports, 2020.
- CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. 2. ed. Berkley; Los Angeles: University of California Press, 1995.
- _____. **Masculinities in Global Perspective: Hegemony, Contestation, and Changing Structures of Power**. Theory and Society 2016; 45(4):303-318.
- CERQUEIRA, Daniel; MOURA, Rodrigo; PASINATO, Wânia. **Participação no mercado de trabalho e violência doméstica contra as mulheres no Brasil**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília : Rio de Janeiro : Ipea, 2019.
- DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro, 1997.
- DAYLE, B. **Sexual and gender-based violence during covid-19: lesson from ebola**. The conversation. May 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/sexual-and-gender-based-violence-during-covid-19-lessons-from-ebola-137541>
- DULONG, Delphinne; NEVEU, Erik; GUIONNET, Christine. **Boys don't cry! Les coûts de la domination masculine**. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2012.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Nota Técnica Violência Doméstica durante a Pandemia de COVID-19**, 16 de abril de 2020. Forum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com Decode. Disponível em: <http://forum-seguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf>
- Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Covid-19: crianças em risco aumentado de abuso, negligência, exploração e violência em meio à intensificação das medidas de contenção**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-criancas-em-risco-aumentado-de-abuso-negligencia-exploracao>
- GUERRA, Valeschka Martins; SCARPATI, Arielle Sagrillo; BRASIL, Julia Alves; LIVRAMENTO, André Mota do; SILVA, Cleidiane Vitória da. **Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra**. Psicologia e Saber Social, 4(1), 72-88, 2015.
- J.A. Schumacher, S.F. Coffey, F.H. Norris, M. Tracy, K. Clements, S. Galea, **Intimate partner violence and Hurricane Katrina: predictors and associated mental health outcomes**, Violence Vict. 25 (5) (2010) 588–603, doi:<http://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.25.5.588>.
- John N, Casey SE, Carino G, McGovern T. **Lessons Never Learned: Crisis and genderbased violence**. Developing World Bioeth. 2020;00:1–4. <https://doi.org/10.1111/dewb.12261>

MARQUES, E.S.; MORAES, C.L; HASSELMAN, M.H; DESLANDES, S.F; REINCHEHEIN, M.E. **A Violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela covid-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento.** Cadernos de Saúde Pública 2020, 36 (4).

MENEGUEL, S. N; PORTELLA, A. **Feminicídios: conceitos, tipos e cenários.** Ciência & Saúde Coletiva, 22(9):3077-3086, 2017.

MORGADO, Rosana. **Separação: Riscos e Feminicídio** in Saberes plurais : produção acadêmica em sociedade, cultura e serviço social / Rosemere Maia e Verônica Cruz (org.). — Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, 2020. 266 p. — (Coleção Carlos Nelson Coutinho ; v. 6)

ONU MULHERES. **Acabar com a violência contra as mulheres no contexto do COVID-19.** 2020. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/acabarcom-a-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto>. Acesso em 27 mai 2021.

_____. **Gênero e covid-19 na América Latina e no Caribe: dimensões de gênero na resposta.** 2020 Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/03/ONU-MULHERES-COVID19_LAC.pdf. Acesso em 26 mai 2021.

P. Adams, G. Adams. **Mount saint helens's ash-fall: evidence for a disaster stressreaction,** Am. Psychol. 39 (1984) 252–260.

Parkinson, Debra & Zara, C.. (2013). **The hidden disaster: Domestic violence in the aftermath of natural disaster.** Australian Journal of Emergency Management. 28. 28-35.

PIMENTEL, A. MARTINS, J. **O Impacto da Pandemia na Violência de Gênero no Brasil.** In Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Forum Brasileiro de Segurança Pública, 2020.

RAUHAUS, Beth; SIBILA, Deborah; JOHNSON, Andrew. **Addressing the Increase of Domestic Violence and Abuse During the COVID-19 Pandemic: A Need for Empathy, Care, and Social Equity in Collaborative Planning and Responses.** American Review of Public Administration, 2020.

ROSS, Lee. E., **Domestic Violence and Criminal Justice,** Routledge, 2018

SANTOS, Dherik Fraga; LIMA, Rita de Cássia Duarte; DEMARCHI, Stephania Mendes; BARBOSA, Jeanine Pacheco Moreira; CORDEIRO, Marcos Vinicius da Silva; SIPIONI, Marcelo Eli-seu; ANDRADE Maria Angélica Carvalho. **Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala.** Preprint em Português | SciELO Preprints | ID: pps-900

UNFPA. **COVID-19 a gender lens.** 2020. Disponível em: <https://www.unfpa.org/resources/covid-19-gender-lens>. Acesso em: 27 mai 2021

UNODC. **Global Study on Homicide: Homicide trends, patterns and criminal justice response.** Vienna, 2019. Disponível em: <https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/gsh/Booklet2.pdf>. Acesso em: 16 abr 2021.

UN Women, **COVID-19 and Ending Violence Against Women and Girls.** Disponível em: [issue-brief-covid-19-and-ending-violence-against-women-and-girls-en.pdf](https://www.unwomen.org/en/news/stories/2020/4/ending-violence-against-women-and-girls-en) (unwomen.org).

VIEIRA, P.R; GARCIA, L.P; MACIEL, E.L.N. **Isolamento social e aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?** Revista Brasileira de Epidemiologia 2020; 23.

Weitzman, A. Behrman, J. **Disaster, disruption to family life, and intimate partner violence: the case of the 2010,** Sociol. Sci. 3 (2016) 167–189.

